



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

Juliano Fontana Trevisan

NIETZSCHE E O RESENTIMENTO: UM ESTUDO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**Porto Alegre
2005**

Juliano Fontana Trevisan

NIETZSCHE E O RESENTIMENTO: UM ESTUDO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a) Marisa Faermann Eizirik

Porto Alegre

2005

Juliano Fontana Trevisan

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação NIETZSCHE E O RESENTIMENTO: UM ESTUDO EM PSICOLOGIA SOCIAL, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dissertação defendida e aprovada em: __/__/__

Comissão Examinadora:

Tania Mara Galli Fonseca, Doutora em Tópicos Específicos de Educação, UFRGS

Nair Iracema Silveira dos Santos, Doutora em Educação, UFRGS

Alexandre de Oliveira Henz, Doutor em Psicologia Clínica, UNIFESP

Dedico este trabalho a todos que me mostraram que a moral está bem longe de representar a Verdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Marisa por todo o cuidado que teve com esse trabalho e a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram com ele.

E se, algum dia, a minha prudência me abandonar – ah, como gosta de bater asas! –, possa a minha altivez, então, voar ainda em companhia da minha loucura!

(F. Nietzsche)

SUMÁRIO

	P.
Resumo.....	07
1 Prólogo.....	08
2 Introdução.....	11
3 Da genealogia à moral do ressentimento.....	24
4 Século XIX: a invenção do ressentimento.....	38
4.1 Memórias do subsolo no século XIX.....	39
4.2 Assim falou Zaratustra.....	46
4.3 Novos olhares sobre si: a interiorização e a consciência	51
4.4 O ressentimento como sintoma social.....	54
5 Ressentimento: sintoma e método.....	61
5.1 O subsolo.....	66
6 Conclusão.....	103
7 Bibliografia.....	106

Resumo:

A importância para a Psicologia Social no século XXI do estudo empreendido por Nietzsche sobre o ressentimento é teórica e metodológica. É teórica porque ele apresenta claramente o ressentimento como um sintoma social que se desenvolve bastante a partir do século XIX como produto de uma 'moral cristã' que surge por volta do ano um d.C. É metodológica porque o estudo do ressentimento traz a idéia de uma Psicologia voltada a uma crítica da verdade via análise dos valores dos valores. Levando em conta que a partir do século XIX os valores morais transformam-se na grande ferramenta de poder internalizada no homem com o intuito de criar e vigiar vidas possíveis, o olhar de uma certa Psicologia do Ressentimento coloca a moral como uma produção humana e cria a possibilidade de uma análise do homem a partir daquilo que para ele se caracteriza como 'bem' ou 'mau'.

Palavras-chave: Ressentimento; Nietzsche; Psicologia Social; Moral.

Abstract:

The importance for the Social Psychology of the study about resentment developed by Nietzsche is theoretical and methodological. It is theoretical because he clearly presents the resentment as a social symptom that is more developed after the XIX century as a product of a 'Christian moral' that arises around 1 AC. It is methodological because the study of the resentment brings the idea of a Psychology turned to a criticism of the truth, through the analysis of the values of the values. Taking in mind that after the XIX century the moral values became a big tool of power inner the human being with the aim of creating and keeping an eye on possible lives, the look of a certain Psychology of the Resentment puts the moral as a human production and creates the possibility of an analysis of the human being from what for him or her is characterized as 'good' or 'bad'.

Key words: Resentment; Nietzsche, Social Psychology; Moral.

1 Prólogo:

O trabalho que segue é produto de esforços de pessoas com implicações diretas e outras anônimas. O tema do trabalho é 'o ressentimento' e toda justiça seja feita a um filósofo que primeiramente se debruçou sobre esta questão importante no século em que viveu (XIX) e também hoje, estou falando de F. Nietzsche.

Autor com o qual tive contato há alguns poucos anos atrás e que mudou muita coisa daquilo que até então eu entendia por Psicologia. Faço justiça a este autor não pelas respostas, mas pelas questões que ele me trouxe, pois sem elas não haveria esse trabalho. Mas também é legítimo afirmar que este não é um trabalho sobre Nietzsche e em nenhuma hipótese deve substituir sua própria escrita que fora feita para experimentar e não para explicar. Farei um percurso por algumas de suas obras, em especial pelos livros "Assim falou Zaratustra" (Nietzsche, 2003) e "Genealogia da Moral" (Nietzsche, 1998). Este último é aquele em que ele traz a questão do ressentimento de forma mais direta.

O ressentimento – sintoma moderno que vou refletir – já foi interesse de outros autores além de Nietzsche, todavia, não muitos. Gostaria de destacar um livro chamado "Nietzsche como psicólogo" (Giacoina, 2001) como muito importante para aqueles que desejarem apreender esta aproximação que Nietzsche faz entre a sua Filosofia (sempre leal a uma crítica da verdade e da moral) e a Psicologia. Para mim este livro, muito mais que respostas, abriu a possibilidade de pensar uma Psicologia que pudesse usar algumas das contribuições nietzscheanas. Este

livro busca dar uma sustentação a uma afirmação de Nietzsche na qual ele diz que teria sido o primeiro psicólogo.

Um outro livro chamado “Ressentimento” (Kehl, 2004) também é importante porque fala do caráter presente, clínico e político do ressentimento: para Kehl “a atualidade do tema do ressentimento é clínica e também política” (2004, p.11). Neste livro encontramos uma imagem do ressentimento como um sintoma social (presente também em Nietzsche) e esta idéia vai ser bastante significativa em minha pesquisa principalmente na construção de um determinado olhar social. Para além disso tudo, é um livro que vai proporcionar uma compreensão psicanalítica deste fenômeno social que é o ressentimento, proporcionando alguns diálogos entre Nietzsche e esta teoria.

“Ao começar minha pesquisa percebi que teria de contornar a falta de bibliografia específica sobre o ressentimento com outras leituras (...) a partir de campos de idéias que tangenciassem meu tema” (Kehl, 2004, p.5). Este foi um obstáculo a ser considerado e que me levou a buscar outras fontes em outros campos. A literatura foi uma saída possível a partir do livro “Memórias do subsolo” (Dostoiévski, 2000).

O século XIX, apontado por Nietzsche como momento de florescimento do ressentimento, vê surgir novas relações de poder onde a moral assume um papel fundamental no controle da vida social. Neste ponto, Foucault é sempre uma sugestão para aprofundamento da questão de disciplina dos corpos que neste momento fica mais sutil (mais moral).

Por falar em novas relações de poder, poucos livros *cuidam* tão bem desta questão e de Foucault como “Michel Foucault: um pensador do presente” (Eizirik,

2002). Uma ótima idéia para quem desejar explorar ainda mais esses campos que cortam meu trabalho e vão além dele.

Para terminar, se este trabalho sobre o ressentimento começa lá no século XIX com Nietzsche e pode ter como interlocutores todas essas vozes que citei anteriormente, também é verdade que ele não existiria se não fosse minha orientadora, a Dr. Marisa Faermann Eizirik. E isto por dois motivos especiais, primeiro por um inquestionável conhecimento teórico que não seria necessário comentar, e segundo por uma certa sensibilidade de não fazer desse conhecimento uma arma contra o próprio conhecimento, ou seja, por ter tido o *cuidado* para que meu trabalho não fosse uma reprodução daquilo que ela já sabia, dando liberdade de uma forma assistida e exigente. E isto tudo produziu algo fundamental que é a confiança naquilo que nós estávamos construindo, que não é nem estar só, nem estar dependente.

Considerações feitas, vamos ao ressentimento.

2 Introdução

O homem não é uma marionete da moral, nem tampouco o é a moral para o homem. Em todas as culturas há homens que são excessões, ou seja, imorais ou para além da moral, Mas mesmo esses não deixam de ser morais. “Se o animal de rebanho resplende no brilho da virtude mais pura, o homem-exceção tem de ser rebaixado a homem mau”. (Nietzsche, 1995, p.113)

Não desejo que meu trabalho sirva para mostrar que a moral é algo ruim que não deveria existir. Meu olhar, meus estudos, minhas pesquisas atuais: tudo isso eu devo à moral. Portanto, como não seria grato por isso?

Também é verdade que não tomo a moral como algo superior, divino ou de uma maneira relativa. Foi Nietzsche o primeiro filósofo a pôr a moral no campo de batalha do conhecimento. A partir dele a moral perdeu aquela qualidade de ser algo intocável, de não poder ser criticada ou questionada porque cada povo e cada tempo têm a sua moral. Até ele, a moral definia o homem e lhe dava sentido. Após Nietzsche, é o homem que se volta com olhar duvidoso sobre tudo que ‘prega’ a moral, sobre suas verdades, asserções e enunciados. Com isso, ele dá nascimento a uma nova forma de produzir conhecimento e de olhar para o mundo que se estabelece desde uma perspectiva moral. Um olhar não isento e por isso mesmo guerreiro, combatente.

O método genealógico inventado por Nietzsche não é um olhar que tem o objetivo de conhecer as microbatalhas que deram surgimento a este ou aquele valor, a esta ou aquela forma de vida. Mais importante que isso, é um olhar

parcial, injusto, perspectivo, julgador: criador de valores. Trabalhar com Nietzsche é trabalhar com uma ética que não busca desvendar, mas guerrear. E para isso é necessário ter armas, estar posicionado em algum dos lados do campo de batalha, ter amigos e inimigos.

Quando decidi trabalhar com Nietzsche para pensar a atualidade do ressentimento, por respeito a toda a produção teórica deste autor, definiram-se também algumas linhas metodológicas.

Sempre tive por objetivo – partindo da análise deste importante sintoma atual que é o ressentimento¹ – poder problematizar a moral, ou melhor, uma moral específica e definida por Nietzsche como moral do ressentimento, ou seja, questionar sobre o modo como seus principais valores se encontram hoje. Não havia como separar moral e ressentimento: a problematização de um desses conceitos faria com que o outro também fosse criticado. Uma crítica à moral via estudo do ressentimento foi um primeiro ponto que me aproximou do trabalho nietzscheano.

Em vários momentos de sua obra, Nietzsche ressalta seu desejo de que a Psicologia se voltasse aos ‘problemas fundamentais’ – a questão dos valores dos valores, do quanto vale a moral. Sua idéia era que, na mesma proporção em que é essencial para a compreensão do homem, fora esquecida enquanto tema de estudo. Uma psicologia que pudesse estar atenta ao ressentimento, portanto, uma Psicologia do Ressentimento. Há aqui uma grande mudança epistemológica apontada por Nietzsche, já que a análise do homem transforma-se em uma

¹ Não pretendo mostrar agora, em um capítulo introdutório, a atualidade do ressentimento, mas durante todo o desenrolar do trabalho nos capítulos seguintes.

análise social-moral. A moral perde seu estatuto de algo que deve ser apenas descrito e torna-se algo analítico para a própria compreensão singular do homem. A análise de um homem é a análise de uma raça, de uma moral, de séculos e milênios. É por este motivo que uma Psicologia do Ressentimento é uma Psicologia eminentemente social.

O ressentimento não é simplesmente um sintoma e tampouco um conceito. Ele é a possibilidade da construção de um olhar social para um sofrimento vivenciado de forma privatizada. É a possibilidade de analisar (destruir e criar) os valores de uma época onde quer que estes estejam materializados, sob forma de lei, norma, pensamento, disciplina, dietas, regulações, instituições (concretas e abstratas).

Não foi meu objetivo criar um novo (e muito menos um diferente) manual de classificação dos sintomas. Aliás, sob a ótica do ressentimento, também esse desejo de classificação, de tornar a psicologia uma medicina classificatória tem suas implicações sociais e já mereceu, inclusive, um estudo mais detalhado². ‘O que é que você tem?’ ou ‘Onde lhe dói?’ não são questões que eu buscasse responder.

Logo, a questão sobre que sintomas indicam que estou frente a um sintoma ressentido não fora relevante³ no meu trabalho. Acaso é possível uma Psicologia sem sintomas, sem classificação, sem definição das espécies patológicas? Acaso é possível uma Psicologia sem psicopatologia?

² “Para nossos olhos já gastos, o corpo humano constitui, por direito de natureza, o espaço de origem e repartição da doença: espaço cujas linhas, volumes, superfícies e caminhos são fixados, segundo uma geografia agora familiar, pelo atlas anatômico. Essa ordem do corpo sólido e visível é, entretanto, apenas uma das maneiras de a medicina espacializar a doença. Nem a primeira, sem dúvida, nem a mais fundamental. Houve e haverá outras distribuições do mal.” (Foucault, 2004, p.1).

Desde uma perspectiva do ressentimento tal como entendida por Nietzsche, o homem deixa de ser o centro gravitacional portador de um ilusório segredo que poderia ser desvendado sob um olhar mais aguçado que iluminaria energias, sistemas mecânicos, topologias e toda essa parafernália até aqui usada para entender o homem. O homem deixa de ser esse centro profusor de uma linguagem incognoscível ou de sintomas, para se transformar em sintoma⁴ de um tempo. A partir do ressentimento não existe o sintoma do homem a ser considerado. O homem é o próprio sintoma, é a consequência de um tempo, uma produção histórico e social: uma possibilidade.

Na segunda dissertação do livro “Genealogia da moral”⁵, chamada “*Culpa*”, “*má consciência*” e *coisas a fins*, encontramos um vasto estudo sobre alguns sinais daquilo que Nietzsche entende por ressentimento, e que pode me servir para fazer uma definição mais precisa do termo. A figura de um dispéptico é frequentemente trazida pelo autor, já que o dispéptico é aquele que nada consegue digerir, dar conta, esquecer. Uma das características do ressentimento é justamente o não esquecer,

não sendo um simples não-mais poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira memória da vontade: de modo que entre o primitivo “quero”, “farei”, e a verdadeira descarga da vontade, o seu ato, todo um mundo de novas e estranhas coisas, circunstâncias, mesmo atos de vontade, pode ser

³ Muito embora mais à frente, nesta mesma introdução, procurarei definir para Nietzsche o ressentimento associando-o a alguns sintomas.

⁴ Quando falo em sintoma, é no sentido de ser um sinal de um tempo, de uma época, uma marca histórica.

⁵ Nietzsche, 1998.

resolutamente interposto, sem que assim se rompa esta longa cadeia do querer. (Nietzsche, 1998, p.48).

O ressentimento é ativo, portanto, embora ele se alimente de forças reativas que se intercalam no espaço entre a vontade e a ação do querer. Ele é ativo na medida que não tem origem em um *não poder* fazer ou sentir algo, mas sim em um *não querer* fazer ou sentir, ou melhor, em um querer afirmativo, em um querer o ressentimento e todas as formas de suplícios advindas daí.

O mais importante em meu trabalho é mostrar que coisas são essas que se intercalam entre o querer inicial (impulso instintivo, força vital) e um 'querer' posterior, um querer adiar, jogar para frente, postergar.

Vamos, então, ao subsolo⁶, como forma de entender o que Nietzsche considera ressentimento: um sentimento de culpa, de obrigação pessoal, um lembrar sempre e não poder esquecer, um remoer interminavelmente alguma ofensa, o adiamento da vingança ou adiamento da vontade (vontade como uma força instintiva⁷), má consciência ("a hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos". (Nietzsche, 1998, p.73)), a santificação do prazer encontrado na sua própria dor, ou melhor, no sofrimento provocado contra si

⁶ Não usei a palavra 'subsolo' ingenuamente. Aliás, desejo que nada do meu trabalho seja interpretado como que pensado de forma ingênua por mim, pois construí cada palavra, frase e parágrafo para que minha vontade sempre ali estivesse presente de forma ativa e produtora de valores e que ficasse sempre claro que se trata desse autor e não de outro. Voltando à palavra 'subsolo', ela na verdade é parte do título de um livro (Dostoiévski, 2000) que utilizarei no capítulo em que farei uma análise do ressentimento e de sete valores importantes para o surgimento desse afeto. Para Nietzsche, as gratificações próprias do ressentimento, por seu caráter afirmativo e reativo voltadas como lanças contra si próprio são ganhos 'baixos', 'covardes', 'subterrâneos', 'do subsolo'.

⁷ O conceito de *vontade de potência* – um dos temas centrais em Nietzsche – de maneira reduzida eu poderia dizer que se trata de uma força vital, natural e não humana. Por seu caráter não humano é que o termo 'instinto' é utilizado por Nietzsche, referindo-se a tudo que possui vida sobre a terra, como animais e vegetais, incluindo o homem. A vontade de potência caracteriza uma força, nesse sentido, extra-moral, ou seja, sem implicação com o bem e o mal. Aliás, para Nietzsche, a capacidade de valorizar e desta forma poder atribuir diferentes valores às coisas do mundo é que diferenciam os homens dos animais, dito de outra forma, o desejo de atribuir sentidos aos efeitos da vontade de potência é o que podemos entender como Moral.

mesmo (autocrucificação, como reza a lenda do menino que nasceu na mangedoura). Eis alguns dos afetos ressentidos e suas formas.

O ressentimento é um sentimento presente e sua importância é política e social. Portanto, como não poderia deixar de ser, age silenciosamente em cada homem de maneira singular. Todas essas formas de ressentimento definidas no parágrafo acima por Nietzsche encontramos ainda hoje, e ainda com mais espécies e variedades. A utilização do suplício⁸ vive sua fase mais esplendorosa no século XXI, sendo no século XIX⁹ apenas o seu berço de nascimento, tendo como uma de suas formas o ressentimento. A aparente 'humanização' do mundo com o fim dos castigos públicos corporais encontra no ressentimento seu ponto de contradição.

Punições menos diretamente físicas, uma certa discrição na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação (...) em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal. No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa da punição vai-se extinguindo (...) não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. (...) Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, o anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores. (Foucault, M., 1987, p.12-14).

Pesquisar o nascimento do ressentimento é pesquisar a moral do ressentimento, ou seja, em que terreno ela brota, como se desenvolve e em que

⁸ Foucault, 1987.

⁹ Falarei sobre o século XIX no capítulo "Século XIX: a invenção do ressentimento".

forma ela se apresenta para nós hoje. Logo, percebe-se que um estudo do ressentimento tendo Nietzsche como parceiro não pode dispensar de um estudo da moral, já que para tal autor é através da crítica à própria noção de verdade¹⁰ da moral que se chega à análise do ressentimento.

Uma obra necessária para compreensão do percurso e desenvolvimento da moral do ressentimento (também chamada por Nietzsche de moral da decadência, moral cristã, moral dos escravos), desde o seu nascimento até hoje, é o livro *Genealogia da moral* (Nietzsche, 1998), ao qual dedico um capítulo, chamado *Da genealogia à moral do ressentimento*, que trata das condições históricas que propiciaram o surgimento do ressentimento.

A partir do estudo das condições históricas, sociais e políticas do ressentimento, cheguei à moral do ressentimento. O livro *Assim falou Zaratustra* (Nietzsche, 2003) – uma produção diferenciada em toda a obra nietzschiana tanto pelo seu conteúdo quanto pela forma – fala detidamente das várias facetas e sutilezas desta moral. Mas é na quarta parte deste livro que o seu principal personagem – Zaratustra – tem 7 (sete) encontros (ao longo de sete aforismos), sete situações que destacam sete perigos que Zaratustra deve enfrentar para superar esta moral. O próprio Nietzsche reconhece, em um livro posterior (Nietzsche, 1995), que aqueles sete encontros na verdade eram sete tentações a que estava submetido o Zaratustra.

¹⁰ O conceito de *verdade* em Nietzsche nos faz pensar não sobre o conhecimento em si que é tido como verdadeiro, mas sobre que tipo de homem é esse que inventou essas falsas verdades. A verdade nesse sentido é sempre mentira, já que ela não fala do mundo como ele é mas sim sobre como um tipo de homem a vê. Aquilo que é tido como verdade, portanto, nos dá informações sobre *um* homem possível e não sobre o mundo ou sobre o homem (enquanto essências universais, atemporais e constantes).

Dessas 'sete tentações' extrai sete valores que tomei como base para minha pesquisa, como forma de limitar os valores com os quais eu trabalharia dentre todo o universo possível de valores pertencentes a essa moral, por serem aqueles que o próprio Nietzsche havia salientado. Por se tratar de sete valores que dão sustentação à moral do ressentimento é que os chamei de *sete pecados capitais*.

O ressentimento que, segundo o próprio Nietzsche, floresce de maneira exuberante no século XIX (Nietzsche, 1998), me trouxe a necessidade de investigar a vida e a história do século XIX para poder compreender a emergência desse poderoso afeto nesse momento e não em outro.

No capítulo *Século XIX: a invenção do ressentimento*, faço uma apresentação do século XIX e dos dois livros que utilizarei no último capítulo, o livro *Assim falou Zaratustra*¹¹ (de onde extraí aqueles sete valores) e *Memórias do subsolo*¹². Dedico-me a uma investigação histórica sobre as condições que favoreceram o alastramento do ressentimento especialmente no século XIX, já que, como já disse anteriormente, o livro *Genealogia da moral*¹³ disserta sobre as condições histórica mais gerais do desenvolvimento da Moral do Ressentimento ao longo de dois mil anos atrás. Neste capítulo, me detenho sobre o século XIX e sobre o fruto tardio e presente da moral daquela época: o ressentimento.

O último capítulo é sobre o livro *Memórias do subsolo*, onde, a partir de várias de suas passagens, faço uma abordagem do ressentimento a partir da problematização dos sete valores de que falei anteriormente.

¹¹ Nietzsche, 2003.

¹² Dostoiévski, 2000.

¹³ Nietzsche, 1998.

Todo esse percurso de meu trabalho não foi por acaso, e a apresentação que fiz até aqui já deve ter antecipado a minha questão: partindo da idéia de que o ressentimento constitui um importante sintoma do presente, que outros olhares podemos lançar sobre esse homem? Esta questão tem por objetivo produzir algum conhecimento sobre o homem do presente que se vê amordaçado por esse corrosivo afeto chamado ressentimento. Como a Psicologia pode pensar esse homem do século XXI a partir das questões advindas do próprio ressentimento? São questões para as quais busco não encontrar um sentido, uma resposta, mas acrescentar outros sentidos e outras respostas aos já existentes.

Tenho o desejo de que meu trabalho seja uma arma. E assim o vejo porque é um ataque quase que constante a uma moral, à moral cristã, à moral da decadência, à moral do ressentimento. Não quero com isso desprezar aqueles que dela fazem uso de bom grado e muito menos negar que haja ali qualquer coisa que valha a pena. Há muitas coisas boas e elas são, aliás, muito louvadas diariamente, pois não esqueçamos que ela domina e tem a maioria a seu favor.

Mas ele é uma arma também porque foi feito para destruir. Durante toda a minha infância e adolescência tive uma vida religiosa e cristã ativa, tendo feito a primeira comunhão e a crisma¹⁴, tendo participado religiosamente às missas todos os domingos pela manhã, repetido mais de um milhão de vezes cada oração que aprendi para que Deus olhasse e me protegesse. Tudo isso torna a crítica às questões que pareceram tão verdadeiras durante a maior parte da minha vida um *verdadeiro* desafio. Percebi que 'Deus' não olhava para mim, mas eu é que olhava para ele, ou seja, será que Ele existe sem o homem? "Como? O homem é apenas

um erro de Deus? Ou Deus apenas um erro do homem? -". (Nietzsche, 2000). Ele é uma arma, portanto, contra tudo que tive de mais sagrado.

E, por fim, é uma arma porque bato de frente contra alguns valores, não apenas problematizando, não apenas olhando panoramicamente, não apenas criando outros sentidos, não apenas olhando o 'objeto' (moral) por outros ângulos, não, nada disso! Deve ficar claro em cada palavra minha escrita de onde estou olhando, pois meu olhar não é múltiplo nem mais abrangente que outros.

Não é meu objetivo analisar um 'acontecimento' (o ressentimento) importante do século XIX do ponto de vista psicológico, tampouco descortinar 'jogos' de poder do passado, muito embora tudo isso esteja presente de uma forma ou de outra. Mas o mais fundamental é perceber que meu trabalho não existe sem um exercício constante de demarcação de onde falo, deixando bem claro que espécie de valores estou criticando ou defendendo. Desejo, a partir de todos os capítulos, mostrar algumas das finalidades daqueles sete valores (que sustentam a moral do ressentimento) e que por isso mesmo são chamados por Nietzsche (e assim entendidos por mim) como valores decadentes. É um trabalho, portanto, parcial, unívoco e injusto.

O caminho que pretendo percorrer, incitado por aquela questão anterior, é de julgamento e de disputa. Como não ser injusto? Mas, por que ser justo? Um trabalho guerreiro assim como Nietzsche o entendia deve ser estrategista, mas, além disso, deve ser combatente. E não há como participar de uma guerra sobre o muro, há que se estar em algum dos lados e não poupar pólvora.

¹⁴ Cursos de iniciação à moral da igreja católica, o primeiro ainda na infância e o segundo feito durante a adolescência.

Pretendo estar de um dos lados de um campo de batalha, e este é o meu método de ação para enfrentar aquela questão de como podemos pensar o homem do ressentimento. Bem entendido, meu método não é simplesmente estar em um dos lados (pois não há como ser de outro modo), mas sim ressaltar e exaltar esse lado bem como as minhas armas, os meus amigos e inimigos.

Todos terão percebido em meu trabalho que não falo impunemente sobre a moral do ressentimento, mas desde uma perspectiva *decadente* para o ser humano. Tal ponto de partida devo ao interminável trabalho empreendido por Nietzsche para mostrar outras facetas nem tão nobres dessa moral tão valorizada e aparentemente livre de qualquer suspeita.

Sem dúvida, meu método foi postar-me contra essa moral decadente, com o intuito de pesquisar seus efeitos sob a perspectiva do ressentimento. E é por esse motivo que anteriormente falei que minha pesquisa é injusta, combatente, parcial e julgadora.

Esta forma de pesquisar, colocando-se abertamente em guerra contra alguma coisa, seja no intuito de destruir seja de defender e construir, foi por mim utilizada enquanto um processo não só importante, como necessário ao estudo do ressentimento. Era crucial posicionar-me para que a partir daí eu pudesse dizer algo sobre o ressentimento e sobre aqueles sete valores. É também uma forma de valorizar a diferença de olhar entre um pesquisador e outro, e uma vez mais criticar toda pretensão de neutralidade na ciência.

Ao longo de sua obra, Nietzsche nos apresenta outras morais e outras formas de pensar a vida bem mais alegres e festivas do que aquela que prospera hoje. Ele não poupa elogios esfusiantes à moral grega, vendo-a como um grande

exemplo de moral forte e gerreira que, ao contrário da moral do ressentimento, não fazia dos acasos e ocasos da vida um motivo para sua negação ou para a criação de novos sofrimentos.

Se é verdade que vivemos uma era sombria do ponto de vista moral, um momento histórico governado pelo ressentimento, onde este pode ser entendido não como a *causa* de novos sofrimentos ou sintomas, mas como *conseqüência* de uma moral e de um tipo de homem decadente; se tomamos por verdadeiro (e esta era uma crença de Nietzsche) que de um homem do ressentimento não podemos mesmo esperar alguma coisa mais nobre do que podemos perceber hoje em dia; se é verdade que este homem do ressentimento já tem uma história de mais de dois mil anos (desde o nascimento da moral cristã) e portanto uma aparente estabilidade; embora com todas estas observações tão aparentemente negativas, Nietzsche nunca fora um autor pessimista, mas sempre acreditou que esta espécie de homem (do ressentimento) chegaria ao fim ou perderia sua hegemonia em algum momento.

Iniciei esta introdução dizendo que 'o homem não é uma marionete da moral, nem tampouco o é a moral para o homem'. Trago novamente esta observação para dizer que uma moral não é homogênia, e que do mesmo terreno em que brotam os homens do ressentimento prosperam aqueles que são as suas 'doenças' e deformações (os homens 'maus'). Uma moral também não é um código, uma lei, uma norma, uma prescrição. Ela só existe em meu trabalho enquanto um conjunto de valores em *uso*. Um valor em si não existe, uma moral não existe se não estiver em ação, seja em uma pessoa ou em uma comunidade ou uma nação.

Meu trabalho, partindo não do pessimismo, não da negação dessa moral atual do ressentimento, fará todo o esforço possível para ser propulsor da degeneração da moral cristã do ressentimento e combatente de seu fruto: o homem do ressentimento. E este trabalho não é pessimista justamente porque nutro a esperança de que esta pesquisa possa perceber nas entranhas e intimidades desta mesma moral criticada aquilo que, muito mais do que a sua destruição, poderá servir como força positiva na criação de diferentes valores .

Mais uma vez, como eu poderia ser contra a moral?

3 Da genealogia à moral do ressentimento

Um trabalho que tem o interesse de falar sobre o ressentimento tendo como parceiro um filósofo chamado Nietzsche não deve poupar esforços na direção de uma investigação das condições históricas, políticas e sociais que propiciaram o surgimento daquilo que é a condição para o nascimento do ressentimento no século XIX: a moral do ressentimento.

Este primeiro capítulo tem o interesse de pesquisar em Nietzsche aquilo que ele chamou de moral do ressentimento, sinônimo também de moral da decadência, moral cristã e moral da negação. Mas este capítulo não tem somente essa importância, pois ele também nos inserirá no ‘universo’ da moral para além da idéia de um código de valores, idéia esta tão bravamente defendida por Nietzsche desde o início de suas obras: “Meus pensamentos sobre a origem de nossos preconceitos morais – tal é o tema deste escrito polêmico – tiveram sua expressão primeira, modesta e provisória na coletânea de aforismos que leva o título *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*¹⁵” (Nietzsche, 1998, p.8). No livro, “Genealogia da moral¹⁶”, mais especificamente na primeira das três dissertações que compõe o livro, vemos desenhar-se a constituição de duas estirpes.

Duas morais são ali postas em evidência: a moral nobre e a moral dos escravos, ou como Nietzsche mesmo as diferenciou no título, “Bom e mau”, “bom

¹⁵ Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres (Nietzsche, 2000b)

¹⁶ Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

e ruim”. Esta diferenciação é crucial para minha dissertação, pois a todo momento falarei de valores, de morais, enfim, de tipos de homem¹⁷.

Não foi pouco o empreendimento nietzscheano neste livro, que pode ser considerado aquele que traz as idéias à respeito da genealogia da moral (que, penso, deva ser considerado um dos grandes temas de estudo deste autor) de forma mais clara e consistente a partir da intersecção de campos de conhecimento, como a filosofia, psicologia, fisiologia e filologia, sendo que, este último, de grande importância. Também é um livro singular quanto à “Psicologia do Ressentimento¹⁸”, descortinada minuciosamente na primeira das três dissertações deste livro.

Na primeira dissertação do *Genealogia da moral* vemos travar-se um duelo entre Nietzsche e os psicólogos ingleses quanto à gênese da moral. Estes com a seguinte teoria:

Originalmente – assim eles decretam – as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram *úteis*; mais tarde foi *esquecida* essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido *costumeiramente* tidas como boas, foram também sentidas como boas – como se em si fossem algo bom. (Nietzsche, 1998. p.18).

Para Nietzsche, esta teoria, além de a-histórica, sofre de um contra-senso psicológico, o que a tornaria insustentável:

¹⁷ Falarei bastante neste capítulo de dois ‘tipos de homem’ (nobre e escravo), todavia, é importante deixar claro que estes não correspondem a duas tipologias, personalidades ou estruturas. A intenção aqui é podermos visualizar duas formas de relação entre o homem e a vida possíveis apresentada pelo próprio Nietzsche e que apresentarei neste capítulo; ambas, entretanto, nos habitam em diferentes momentos de nossa vida.

A utilidade da ação não egoísta seria a causa da sua aprovação, e esta causa teria sido *esquecida* – como é possível tal esquecimento? A utilidade dessas ações teria deixado de existir? Ao contrário: essa utilidade foi experiência cotidiana em todas as épocas, portanto algo continuamente enfatizado; logo, em vez de desaparecer da consciência, em vez de tornar-se olvidável, deveria firma-se na consciência com nitidez sempre maior. Bem mais razoável é a teoria oposta (nem por isso mais verdadeira -), defendida por Herbert Spencer, por exemplo: que estabelece o conceito “bom” como essencialmente igual a “útil”, “conveniente”, de modo que nos conceitos “bom” e “ruim” a humanidade teria sumariado e sancionado justamente as suas experiências *inesquecidas* e *inesquecíveis* a cerca do útil-conveniente e do nocivo-inconveniente. Bom é, segundo essa teoria, o que desde sempre demonstrou ser útil... (Nietzsche, 1998, p.20).

O trecho é longo e importante para meus próximos passos, pois a partir daí ficará mais claro a compreensão do encaminhamento que Nietzsche dá a essa questão da genealogia da moral.

A partir do exposto acima, fica claro que as duas concepções utilizam para sua argumentação as palavras *esquecimento* e *utilidade*. No primeiro caso, a *utilidade* faz *esquecer* que ela – a utilidade – está na raiz da constituição do ‘bom’ e no segundo caso a *utilidade* torna *inesquecível* – sanciona – aquilo que sempre demonstrou ser útil-conveniente. Ora, liga-se o útil ao bom como se esta ligação fosse verdadeira em si, algo natural. E acrescenta-se aí um esquecimento dessa ligação, quando a mesma seria reiteradamente repetida, – *como é possível tal esquecimento?* Ambas as teorias buscam explicações para o surgimento dos valores tomando alguns valores *a priori*, pois, será que útil e bom estiveram sempre ligados, necessariamente?

¹⁸ A questão da “Psicologia do Ressentimento” que aparece no livro “Genealogia da moral (1998) como um projeto nietzscheano será um tema discutido por mim mais a frente no capítulo “Ressentimento: sintoma e método”.

A contribuição nietzscheana vem nos auxiliar no sentido de mostrar que estas teorias são muito simplistas, que não levam o assunto com a seriedade e a profundidade que o mesmo requer.

A partir de uma análise filológica e, mais especificadamente, etimológica, Nietzsche nos mostra outros caminhos para um conhecimento mais sério deste tema. E parte da seguinte questão:

que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma *transformação conceitual* – que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”. (Nietzsche, 1998, p.21).

Vemos aqui que o surgimento do “bom” não está ligado ao esquecimento da utilidade, ou mecanização por repetição do útil-conveniente, não! Chamo a atenção para o fato de que etimologicamente o “bom” surge de “nobre”, “aristocrático”, marcando claramente aqueles que são “espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente privilegiado”. Ele não é esquecido nem reiterado, mas sim criado para marcar uma diferença, para marcar um privilégio. Pergunta: o que essa marcação de privilégios – característica da estirpe nobre – tem a ver com a utilidade para o qual a ação é direcionada?

Nietzsche (1998, p.22) vai mostrando ao longo dessa primeira dissertação a ligação etimológica das palavras “bom, nobre” que significam também *alguém que*

é, que tem realidade, que é real, verdadeiro. Já as palavras “mau, feio” como tímido, covarde, homem comum, pele escura, plebeu.

Acredito poder interpretar o latim *bonus* como ‘o guerreiro’, desde que esteja certo ao derivar *bonus* de um mais antigo *duonus* (compare-se *belum* = *duelum* = *duen-lum*, no qual me parece conservado o *duonus*). *Bonus*, portanto, como homem da disputa, da dissensão (*duo*), como o guerreiro: percebe-se o que na Roma antiga constituía a “bondade” de um homem. (Nietzsche, 1998, p.23).

Quanta diferença para o nosso “bom” de hoje, um homem cada vez mais pacífico, covarde, pelo menos para os olhos da Roma antiga, pois o que realmente percebemos é uma guerra invisível, uma guerra de adestramento, uma guerra do homem contra o próprio homem.

Assim convinha a um povo sacerdotal, o povo da mais entranhada sede de vingança sacerdotal. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, ‘os miseráveis somente são bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...’ (Nietzsche, 1998. p.26).

Isso é o que se pode chamar de uma bem sucedida *transvaloração dos valores*, uma verdadeira inversão de valores, uma retomada de virtudes, onde o que era “bom” passa a ser “mau” e vice-versa.

Nessa passagem vemos claramente o surgimento de toda uma gama de valores *sacerdotais*, *cristãos* que possuímos ainda hoje, de forma ativa sobre nossas vidas, produzindo pensamentos e sentimentos, sonhos e esperanças, missas, cultos e revoluções subjetivas.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão – seu conceito negativo, o “baixo”, “comum”, “ruim”, é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior... (Nietzsche, 1998, p.28-29).

Chego em um ponto fundamental, aquele que merece todos os esclarecimentos a fim de que eu possa ser entendido mais à frente quanto às minhas consideração sobre a psicologia do ressentimento.

Nietzsche não está aqui simplesmente caracterizando duas morais, mas sim duas maneiras (mecanismos) pelos quais uma moral pode nascer, crescer, desenvolver-se. E isso é bastante importante! A moral *nobre* e a moral *escrava*.

Faço um breve esquema para melhor visualizar a proposição nietzscheana e aquela com a qual trabalharei:

- Moral nobre:

Moral nobre	“bom”	“ruim”
Escolha	Primária	Secundária
	Afirmado por uma ação.	É posterior, nasce por uma diferença, por uma distância daquilo que é bom. Não é negado, mas desprezado por não ser importante.

- Moral escrava:

Moral escrava	“mau”	“bom”
Escolha	Primária	Secundária
	Negado	Afirmado por uma reação.
	Primeiro vem a negação do que não serve.	O bom é tudo que não é “mau”, por exclusão. É o que sobra. É por oposição que eu afirmo que sou “bom”.

Estas duas tabelas, mostram, como disse anteriormente, não duas morais, mas dois modos de construção de valores. Logicamente que ninguém é só uma coisa ou só outra, tampouco, representam estruturas de personalidade com prescrições de comportamentos, mas como que pesos diferentes de uma balança que, por vezes, pode pesar mais para um lado ou para o outro. De qualquer forma, a segunda tabela, a segunda forma de criação de valores, retrata muito bem o mecanismo que produz o ressentimento.

Na verdade, o ressentimento, aquela vingança imaginária lenta e odiosa contra o mundo externo, é o produto da moral escrava. O que eu não gosto acaba definindo, por exclusão, o que me serve, o que é “bom”.

Na moral nobre temos o “bom” de um lado e o “ruim” do outro; já na moral escrava a ‘oposição’ é entre “bom” e “mau”. Certamente que não se trata de palavras diferentes com o mesmo sentido, tampouco um descuido do autor. Na moral nobre o “bom” é escolhido em um ato, numa ação, algo como um apontamento para aquilo que serve dentre tudo aquilo que se oferece como possibilidade, um ato afirmativo, portanto! O que é o “ruim”? Bem, o “ruim” é tudo aquilo que não fez parte da minha afirmação anterior, aquilo que está separado por uma distância dela, aquilo que ficou de fora do meu campo de interesse, aquilo que não enxergo, que nem sei da existência simplesmente porque não é importante para mim, e por isso mesmo é desprezado (esquecido) e não negado. Sempre ressaltando que esse “ruim” só existe pela distância com relação àquilo que é – que eu disse Sim!

Já na moral escrava temos o “bom” e o “mau”. Aqui a história é outra, e bem mais conhecida de nós. Primeiramente escolhemos aquilo que Não nos serve,

aquilo que nos causa raiva, ódio, aquilo que desperta em nós um forte desejo de vingança e que nos faz ruminar por muito e muito tempo antes de tomarmos alguma decisão. Por um ato de negação, portanto, afirmamos o que não nos serve, e este é o “mau”. Em um segundo movimento adotamos o que sobrou, por oposição ao que não serve, para ser o nosso “bom”, um ato reativo, portanto! É por reação ao que não serve que estipulo o que me serve, é o que sobra, o pouco, o resto. Toda ação, aqui, é pautada em função do “fora” (de algo para além de mim), se faço ou não faço alguma coisa, se escolho esse ou aquele caminho, se me comporto dessa ou daquele maneira, enfim, tudo isto será medido por exclusão daquilo que *à priori* não me serve. A ação é uma reação, logo, ressentida, amarga, venenosa, grudenta. O “mau” não pode, aqui, ser desprezado, pois ele é mesmo mais importante que o “bom”, ele vem antes, antecede a este, ele define o “bom”. A vingança ressentida precisa de tempo, é estratégica, manhosa, mimada, provoca fadiga e por fim, torpor. Envenena de tal forma a consciência que ela, ao invés de paralisar, agita-se compulsivamente em uma infinita excitação pelo justo, pelo correto, pelo belo, pelo não pecaminoso, pelo “fora”. O caminho da ação sofre uma dobra e torna-se um “U”, a retidão *amolece*¹⁹ e dificulta o escape, o homem torna-se tortuoso e obscuro para si mesmo, torna-se pecador em sua própria casa.

¹⁹ O *amolecimento* do homem moderno é um tema constante em Nietzsche. Refere-se ao homem do ressentimento, o homem acuada em sua própria jaula que ele mesmo construiu para a ele mesmo adestrar. Haveria coisa mais escrava que essa, ou seja, maxucar-se (produzir sofrimento) contra as grades de uma jaula que nós mesmos construímos para nós mesmo vivermos nela? Em um lugar assim, difícil de viver, é bem possível que “o senhor esteja convosco”. “Sim”, responde o bichinho enjaulado, “ele está no meio de nós”. Nessa pequena morada dos pecadores, dar *graças ao senhor, nosso Deus* – “é nosso dever e nossa salvação”. Para um morador de uma pequena jaula, humilde e pecador, esta salvação (divina) parece ser bastante condizente, e até louvável.

Portanto, a diferença entre *nobre* e *escravo* proposto por Nietzsche, bem como a sua genealogia da moral traz uma outra importante contribuição. Ao contrário dos genealogistas ingleses, que acreditavam em uma explicação para o surgimento dos valores morais baseado no *esquecimento* e na *utilidade*, Nietzsche propõe uma outra genealogia baseada em seus estudos filológicos a partir da análise etimológica do valor “bom” em diferentes culturas. Fica claro que o “bom” sempre esteve ligado à *nobre*, *aristocrático*, *àquele privilegiado*. Logo, Nietzsche conclui que o “bom” (para os representantes da moral nobre) fora criado como forma de expansão do poder, aumento dos seus domínios sobre os escravos e, mais que isso, como forma de marcar lingüisticamente uma diferença entre aquilo que servia para si e aquilo que ficava fora dos interesses. Assim convinha agir aos nobres e aristocratas.

Chamo a atenção para o fato de que nesta teoria desaparecem aquelas explicações mágicas anteriores (dos genealogistas ingleses), e aparece uma explicação menos cristã (humanista) e mais *cruel*. De fato, o que Nietzsche nos mostra é que não é por amor ao próximo que o “bom” surge, como bem vimos anteriormente, mas por um ato de *crueldade*, um ato, para os nossos olhos atuais, *desumano*, *animalesco*, *irracional*.

É a *vontade de poder* que leva o *nobre* a criar o “bom” relacionando-o a tudo aquilo que lhe serve, que lhe fortalece. A sua vontade soberana, o seu instinto cruel, aparecem aqui sem nenhuma vergonha. É este o sentido da vida para o homem nobre, criar o seu próprio “bom”, sendo o “ruim” um reflexo, aquilo que fica fora dos meus interesses, aquilo que não desperta qualquer desejo e, portanto, como se não existisse.

A teoria nietzscheana sobre a genealogia da moral tem na sua raiz a *crueledade* como força criadora de valores. Entretanto, engana-se quem pensa que a crueldade encontra-se *somente* na origem da *moral nobre*. A grande contribuição nietzscheana é justamente de mostrar a crueldade onde menos se esperaria encontrar, onde o humano (com sua alta capacidade intelectual e racional para predizer e fazer o “bem”) parece prevalecer. Logo,

quando se fala de humanidade, a noção fundamental é a de algo que separa e destingue o homem da natureza. Mas uma tal separação não existe na realidade: as qualidades “naturais” e as propriamente chamadas “humanas” cresceram conjuntamente. O ser-humano, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter. As capacidades terríveis do homem, consideradas desumanas, talvez constituam o solo frutífero de onde pode brotar toda humanidade, em ímpetos, feitos e obras. (Nietzsche, 2000a, p.65).

Logo se vê onde Nietzsche pretende chegar. “Oh, quanta supérflua crueldade e tortura animal teve origem nas religiões que inventaram o pecado! E nos homens que quiseram, com isso, ter a mais alta fruição de seu poder!” (Nietzsche, 2004, p.46).

De forma forte e decisiva, Nietzsche continua inoculando seu veneno até a última gota, pois,

de tudo isso resulta que a humanidade ainda se comporta, ante a morte na fogueira, as torturas e instrumentos de torturas espirituais, com a mesma angustiada paciência e indecisão de outrora, ante as crueldades infligidas nos corpos de homens e animais. (Nietzsche, 2004, p.60).

Como vemos, a *crudeldade* sempre esteve presente, até mesmo em práticas – refiro-me a práticas de todo tipo, tanto físicas (torturas corporais) quanto espirituais e psíquicas (torturas por responsabilidades, culpas, pecados, purgatório, etc.) – consideradas humanas e acima de qualquer suspeita, aliás, muitas delas com a aprovação ‘divina’.

É possível imaginar – para não sofrer de má-consciência – que as atitudes altruístas, que tendem na direção da ajuda ao outro, são exemplos magnânimos de doação, embora representem o seu oposto.

Também nas atitudes ditas *de compaixão* pelo outro se percebe a expressão da *crudeldade* na sua busca incessante de fruição do poder, ou seja, é na ajuda ao outro, na concessão do perdão, que atualizo minha vontade de poder, que me apresento como um superior, um tal que ainda tem algo para dar a um fracote, a um pecador, a um ressentido.

Aquele sentimentozinho²⁰ produzido ao ajudar os outros que necessitam, aquele prazerzinho ignóbil que enrigesse e purifica nosso corpo tem aí (na *crudeldade*) a sua origem. Por longos tempos buscou-se explicação “no outro” para prazeres e desprazeres, como se uma ação em si mesma produzisse bem-estar (como por longos tempos pensou-se à respeito das experiências filantrópicas), mas espero estar trazendo uma nova visão a partir de Nietzsche que depõe contra

²⁰ As palavras presentes nessa frase no diminutivo tem por objetivo marcar que o prazer sentido em ações que visam – pois assim são chamadas – ‘*ao próximo*’ apresentam um objetivo que é o mesmo alcançado por outros meios ditos mais ‘egoístas’, entretanto enquanto nestes a ação é direta e evidente tanto em relação aos seus meios como aos seus fins, naquele os atos para alcançar o mesmo fim (exercícios de expansão e fruição de seu poder e conseqüentemente de domínio sobre o outro) são mascarados e indiretos, a ação percorre um caminho maior e mais tortuoso antes de tornar-se uma prática propriamente dita, o que a desfigura quase que completamente, parecendo, ao fim, uma ação “ao outro” num complexo engenhamento e obscurecimento da *crudeldade* e do exercício de poder, visto agora como algo vergonhoso. O ‘sentimentozinho’ é para marcar esse sentimento experimentado após esta transvaloração dos valores.

essa teoria da naturalidade de alguns sentimentos, arriscando-se a desbanalizar o “bem” e não somente o “mau”:

E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico (...) talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menos, mais baixo? (Nietzsche, 1998, p.12-13).

Nobre e escravo apresentam portanto nas bases de suas constituições a *crudade* inexoravelmente, pois como nos mostrou Nietzsche não só a *crudade*, mas a *necessidade de crudade* sempre acompanhou o homem. A diferença é que enquanto aquele vê na sua crudade um motivo para festa e comemoração (e são vários os exemplos em que Nietzsche mostra certas culturas que não conseguem conceber uma festa sem sacrifício, sem sofrimento, sem torturas) este envergonha-se disso, envergonha-se do seu parentesco com os animais, envergonha-se do seu inumano, envergonha-se disso e, na tentativa de negá-lo (de negar esse nojo, náusea consigo mesmo), direciona-o contra si próprio, criando uma série de instrumentozinhos de tortura, como a penitência, o pecado, a culpa, o ressentimento, enfim, *deixa de ser digno em sua própria morada*, passando a desprezar a si e à vida com um contundente Não. Esta negação, portanto, passa a ser o princípio de tudo, o centro gravitacional que produz valores, os “maus” e os “bons” costumes.

Como afirmei no início deste capítulo, a moral do ressentimento (a moral escrava) é a condição necessária ao surgimento do ressentimento, entretanto,

isso não é tudo. Tenho a impressão que nossa viagem ao 'subsolo' do ressentimento está apenas começando.

Nietzsche é um autor do século XIX e é a partir de uma constatação de seu tempo que ele vai afirmar que o ressentimento *flor*esce e se alastra (Nietzsche, 1998). Portanto, uma outra interrogação surge: por que o século XIX torna-se a base fértil para que a árvore da moral do ressentimento finalmente veja amadurecer seu mais belo fruto, o ressentimento?

4 Século XIX: a invenção do ressentimento

Nietzsche, no livro “Genealogia da moral” (Nietzsche, 1998), apresenta o *ressentimento* como um sintoma que atinge seu auge no século XIX. Para além de considerá-lo um sintoma social, o conceito de ressentimento talvez possa me possibilitar um outro olhar sobre o sofrimento humano: um olhar social e não *do* social.

Logo, uma questão se impõe: ‘Quais as condições históricas de surgimento do ressentimento no século XIX e no que esse afeto pode auxiliar na construção de um olhar *social* sobre o homem hoje?’

Utilizarei os livros “Assim falou Zaratustra” (Nietzsche, 2003) e “Memórias do subsolo” (Dostoiévski, 2000)²¹ neste capítulo com o intuito de conhecermos um pouco mais tanto os livros (já que eles serão aproveitados de maneira mais direta no capítulo seguinte) quanto o século XIX, já que são duas obras que representam este século (apontado por Nietzsche como berço do nascimento do ressentimento).

Enquanto o AFZ apresenta sete valores que podem ser tidos como sete pilares daquela ‘moral do ressentimento’ refletida no capítulo anterior, o MS apresenta um personagem ressentido ao extremo. Além desses, tomarei como parceiro o livro “História da vida privada IV” (Perrot, 1991) um livro denso sobre o século XIX.

²¹ Utilizarei as siglas AFZ e MS para representar os livros “Assim falou Zaratustra” e “Memórias do subsolo”, respectivamente.

Nietzsche escreve a um amigo sobre suas impressões do livro “Memórias do subsolo” (Dostoiévski, 2000): “A voz do sangue (como denominá-lo de outro modo?) fez-se ouvir de imediato e minha alegria não teve limites”²². Há ainda outros comentários de Nietzsche sobre o próprio Dostoiévski, considerando-o o único psicólogo com o qual teve algo a aprender²³. Jamais um livro tratou de forma tão séria – e às vezes até nauseante – da questão do ressentimento como o MS. Sem dúvida, quando Nietzsche chama Dostoiévski de psicólogo está fazendo um flerte com este tema tão caro a si próprio em suas últimas obras, em especial a primeira e a segunda dissertações do livro “Genealogia da moral” (Nietzsche, 1998).

4.1 Memórias do subsolo no século XIX

MS é uma obra literária e, como tal, um arquivo histórico sobre um século que tem como centro gravitacional a família. Paradoxalmente, seu personagem central é um sujeito que vive sozinho e que assim define-se:

quem, afinal, sou eu, vou responder: sou um assessor-colegial [Posto mediano da administração civil, no regime czarista. N. do T.]. Fiz parte do funcionalismo a fim de ter algo para comer (unicamente para isto), e quando, no ano passado, um dos meus parentes afastados me deixou seis mil rublos em seu testamento, aposentei-me imediatamente e passei a viver neste meu cantinho. Já antes disso vivi aqui, mas agora me

²² Estas palavras do Nietzsche foram retiradas da quarta capa (parte posterior externa da capa) do livro *Memórias do subsolo* (Dostoiévski, 2000).

²³ Esta idéia está contida no livro “Nietzsche como psicólogo” (Giacoina, 2001).

instalei nele. (...) A minha criada é uma aldeã velha, ruim por estupidez, e, além disso, cheira sempre mal. (Dostoiévski, 2000, p.17-18).

Cabe salientar que esta apresentação está presente no primeiro capítulo do MS, o qual divide-se em dois: “O subsolo” e “A propósito da neve molhada”. E é assim, portanto, que o personagem apresenta-se aos seus leitores, não só a partir deste fragmento, mas basicamente durante todo o primeiro capítulo, marcado por um monólogo extremamente provocativo entre autor e leitor, com toques refinados de cinismo e ironia.

A primeira parte do MS – “O subsolo” – caracteriza-se também por um escárnio violento contra a moral da época. Importante assinalar – e voltarei a esse ponto mais adiante nesse capítulo – que o século XIX é o século da representação pública e de uma vida familiar privatizada até a raiz, um teatro dentro e fora de casa.

Apura-se, também, uma cisão entre público e privado sem precedentes na história. Uma vida de rituais entra em ação, cada qual (pai, mãe e filho) passa a representar um personagem do qual se espera alguns comportamentos. É o triunfo da família no início do século, e do indivíduo no final dele.

Influenciado por essa moral, o personagem central do livro debate-se em um monólogo interminável no primeiro capítulo. Em um século marcado pelas certezas das regras do jogo e pelos movimentos possíveis de seus jogadores, este personagem coloca pontos de interrogação nas mais óbvias e aparentes verdades. “Mas, em primeiro lugar, quando foi que aconteceu ao homem, em todos esses milênios, agir unicamente em prol de sua própria vantagem?”

(Dostoiévski, 2000, p.33). Ou então, duvidar das *leis da natureza* e do $2 + 2 = 4$. Ironia? Cinismo? Talvez, mas são essas também características deste século.

Ainda nesse primeiro capítulo, vemos o personagem disparar suas flechas contra o alvo da consciência. Este é um dos pontos importantes, pois mostra o desenvolvimento anômalo da consciência em detrimento do corpo, seus impulsos e instintos. Um remoer incessante e frenético de idéias e pensamentos diversos agita a consciência que, excitada ao extremo, secreta entre seus produtos o ressentimento (um envenenamento dispéptico²⁴ que se apresenta sob várias formas, entre elas o ódio, o desejo de vingança e de volta no tempo para 'corrigir' algo que deu 'errado', a raiva, etc.).

Portanto, é um personagem que debocha o tempo inteiro de uma moral da aparência e da falsidade. Ao mesmo tempo, ele está ligado a essa moral de modo decisivo a partir do ressentimento, o que lhe permite negar, mas não superá-la. A moral não pode ser esquecida por ele, volta sempre à sua consciência com uma intensidade assustadora.

A consciência é um dos principais aliados da moral do século XIX. Executa-se o sujeito a partir da culpa e da má consciência quando não são cumpridas as normas estabelecidas, ou seja, os bons costumes. E isso não seria possível sem a construção da interioridade no sujeito, a privatização do desejo e a responsabilização dos seus atos (a ilusão do livre-arbítrio). Cada pessoa passa a

²⁴ A palavra *dispéptico* é usada com alguma frequência por Nietzsche principalmente quando este está discutindo a questão do *ressentimento*. No século XIX a cinestesia é uma questão que ganha espaço cada vez maior na medicina do corpo, já que se acreditava que as variações de tempo e espaço, como a temperatura, a umidade, o sol, as fases da lua, a água do mar, etc. tivessem um grande poder sobre a saúde corporal e até *nervosa*, tendo os sinais corporais como fontes cinestésicas, logo, acredito que este termo fisiológico usado por Nietzsche represente também um sinal corporal de que algo não pode ser digerido, não pode ser esquecido, e ao permanecer na consciência (no 'sistema digestivo') provocaria dispepsia (transformação de um desejo de ação em reação, em ruminação consciente). Os sete pecados capitais que mais tarde comentarei são, todos eles, incitadores dispépticos.

ser o grande senhor dos seus atos, mas também o grande bandido. A moral dos costumes, bem como os manuais de comportamento, estão na moda nessa época, nas mansões e nos casebres, entre ricos e pobres.

Por mais lamentável que fosse o amontoamento dos membros da família em um acanhado reduto, a moral não era afetada. Vivi ali e jamais ouvi murmurarem o menor escândalo. Uma vida ativa, hábitos piedosos, e um pai e uma mãe austeros, eram coisas que nada permitiam ao relaxamento dos costumes. (Perrot, 1991, p. 355).

A moral não faz distinção entre classes, ela governa, pune e gratifica quando necessário. A inquisição interioriza-se no século XIX e transforma-se em todo o tipo de má consciência. O personagem, na primeira parte do livro MS, traz essas questões em um nível assustador a partir de uma consciência hipertrofiada. É um protótipo caricaturado, portanto, do homem do século XIX e suas mazelas.

Não é por acaso que este primeiro capítulo chama-se “O subsolo”: este lugar ‘baixo’, ‘escuro’, ‘úmido’, ‘pantanosos’, o qual somente um rato escolheria de bom grado como sua casa. O interior, agora inventado e cercado por muros e grades da casa e da família, é um belo equivalente da interioridade subjetiva. Ambos devem ser vigiados de perto para evitar a invasão do público, do fora, do estranho. O primeiro principalmente pela mulher (a ‘rainha do lar’), enquanto o segundo pela consciência de cada um.

Neste século erguer-se, mais forte do que nunca, o Império da moral. Esta não mais defendida por algum soberano sobrenatural como outrora na figura de

um Deus ou de um Rei, mas dirigida pelos valores agora transformados em virtudes individuais. É o século da interiorização da moral.

Já o segundo capítulo do livro MS, “A propósito da neve molhada”, traz algumas peculiaridades a mais com relação ao primeiro. Aqui se trata verdadeiramente de memórias lembradas pelo personagem do (*no*) subsolo. São relatos de acontecimentos passados, mas, para além disso, testemunhos de seus sentimentos mais ‘íntimos’, de sua saúde: “Às vezes, a raiva simplesmente me sufocava. Experimentava sofrimentos sem conta, humilhações e derrames de bÍlis;” (Dostoiévski, 2000, p.64). A raiva, um dos sintomas do ressentimento, é talvez o principal componente de seus relatos. Não qualquer raiva, senão aquela que sufoca, que permanece na consciência enquanto uma energia reativa.

Como uma seqüência do primeiro capítulo, o segundo apresenta experiências vividas pelo personagem, exemplos de manifestações do ressentimento a partir daquela consciência hipertrofiada de que falamos anteriormente. Se a primeira parte é quase que na sua totalidade racional, esta segunda é mais corporal, concreta, ou melhor, nos mostra aquela racionalidade em uso no dia-a-dia.

Igualmente, este segundo capítulo mostra o século XIX a partir de exemplos. É aqui que constato a separação entre público e privado, bem como a necessidade de representação no espaço público a partir da preocupação com a roupa, com a aparência do corpo, com o modo de andar, de falar, de olhar. A imagem de cada um define também o *lugar* de cada um, ou o espaço a que cada qual pertence. Ponto de diferenciação, a imagem no espaço público e também no privado serve como forma de dar fruição ao poder, possibilita experimentar a

sensação de tornar-se superior e dominar o outro, impulso este que parece fazer parte de toda a história da humanidade²⁵.

O século XIX apenas cria uma outra forma de exercício do poder, mais dissimulado, mas ainda assim egoísta, *cruel*, como podemos perceber nesse trecho:

A reconhecida influência do físico sobre o moral valoriza e recomenda o limpo. Novas exigências sensíveis rejuvenescem a civilidade; a acentuada delicadeza das elites, o desejo de manter à distância o dejetivo orgânico, que lembra a animalidade, o pecado, a morte, em resumo, os cuidados de purificação aceleram o progresso. Este é estimulado igualmente pela vontade de distinguir-se do imundo zé-povinho (...) normas extremamente estritas regulam a prática do banho conforme o sexo, a idade, o temperamento e a profissão. (Perrot, 1991, p.442).

Moral e higiene dão-se as mãos como forma de marcar uma diferença entre os nobres e o *imundo zé-povinho*. Afastar e separar o diferente de mim, o sujo, a animalidade, o sem valor, eis um dos objetivos da moral do século XIX.

Percebo, portanto, que toda a investida nas novas 'descobertas' que o século XIX faz sobre os micróbios e as possíveis formas de contágio (por exemplo, dos perigos para a propagação da tuberculose ao dividir o mesmo espaço em casa, ou então, com o advento dos vasos sanitários com água corrente ao invés das latrinas), além de terem algum valor para a saúde orgânica, servem também como forma de diferenciação moral e valorização de si em detrimento do outro, formas muito estimadas nesse século.

²⁵ Este impulso, esta *vontade de poder*, esta vontade de *crueldade*, é uma das teses nietzscheanas. A crueldade seria – e isto ele mostra a partir de vários exemplos – uma característica (uma necessidade fisiológica) que sempre acompanhou o

Estar limpo é pertencer a uma casta 'superior' e estar sujo é pertencer aos pobres e, portanto, 'ser inferior'. A higiene íntima é também uma forma de distinção moral, modo muito comum de exercício de poder neste momento. Aliás, a proliferação de normas a partir da produção de manuais de comportamentos, de práticas higienistas, entre tantas outras formas associado a não necessidade de algum soberano para que essas regras fossem cumpridas é uma especificidade deste século.

O que leva a pensar que este 'soberano' (que nos séculos anteriores representavam-se nas figuras de reis ou mesmo de deuses e como tal detinham o poder) ainda existe, porém agora internalizado em forma de valores, sendo a consciência sua guardiã.

Onde existiu vida humana sobre a terra, existiu necessariamente a norma como condição de possibilidade de existência. Portanto, criar normas sempre foi uma indelével característica dos humanos. Onde existiu vida sobre a terra, existiu necessariamente a vontade de poder (vontade de *ter* o poder), a vontade de distinção, a vontade de dominar. A moral sempre fora uma ferramenta fundamental aos usos e prazeres do poder. Entretanto, no século XIX acentua-se ainda mais sua importância, com o advento de um sujeito *interiorizado* e *conscencioso* que encontra nos valores morais o substituto para o Soberano (aquele que decreta as normas) de outros tempos. E é neste momento que a constituição da memória e dos murmúrios conscientes atinge seu ápice, torna-se um pecado, torna-se ressentimento.

homem (e não só o homem, mas tudo aquilo que está vivo), sendo que, o que diferencia um momento histórico de outro pode ser pensado a partir do modo como o homem valoriza este aspecto cruel.

Estou falando de uma tal “moral do ressentimento” bastante teorizada por Nietzsche no livro Genealogia da moral (Nietzsche, 1998)²⁶ e vivida e superada por Zaratustra (personagem principal do livro AFZ).

4.2 Assim falou Zaratustra

Assim como o século XIX, AFZ é um livro paradoxalista, e este estilo é levado ao extremo. Com um humor negro cortante e ininterrupto, desseca a moral do ressentimento, da decadência, cristã. E o que ele observa? Nada! Sim, no fundo desta moral não há absolutamente nada de verdadeiro, tudo é inventado, tudo é um malicioso embuste, mentira. Desta forma, AFZ é um livro que brinca seriamente com o conceito de verdade, com as balizas dos sentimentos, afetos e comportamentos humanos.

Com uma linguagem nada amistosa – uma linguagem guerreira, combatente – Zaratustra eleva um estilo cínico e irônico com mistura de palavras sacras, deixando o leitor na dúvida quanto à veracidade daquilo que ele está afirmando. Ora, esta era justamente uma das características do século que estamos estudando: a dissimulação e a aparência. Todavia, a verdade, com Zaratustra, nunca mais gozará da liberdade de outrora, a moral não terá mais a tranquilidade de antes. O mundo não será mais o mesmo depois dele.

²⁶ Discutida no primeiro capítulo (“Da Genealogia à moral do ressentimento”) deste trabalho.

“Entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito.” (Nietzsche, 1995. p.20).

AFZ opera a partir de uma lógica de produção de conhecimento um pouco diferente daquela que, em grande medida, encontramos do século XIX para cá. A começar pela sua forma, o livro é fragmentado em vários textos com início, meio e fim, chamados de aforismos. Trata-se de um estilo que acompanha este autor em praticamente toda a sua produção.

Dividido em quatro partes, o Zaratustra nietzscheano compreende uma primeira parte com 23 aforismos, uma segunda com 22, uma terceira com 16 e uma quarta e última parte com 20 aforismos, no total, 81 aforismos. Tudo isso dá uma noção do quanto é um livro fragmentário. Entretanto, não devemos superestimar a independência entre eles, pois é uma característica deste estilo de escrita que ao mesmo tempo em que os aforismos gozam de uma certa independência por um lado, mantêm-se atrelados por outro.

Quanto ao conteúdo, o livro mescla discursos, diálogos, caminhadas, encontros, cantos, tanto de Zaratustra quanto de outros personagens, mas sempre sob a ótica de Zaratustra. Uma narrativa de um trecho da vida do personagem, de seus encontros e desencontros, suas angústias, seus medos, e finalmente de sua redenção. Uma caminhada por valores morais, tendo como alvo de crítica uma moral decadente observada no século XIX aproxima em mais um ponto AFZ à MS.

Não é um livro contra a moral, mas contra *uma* moral específica sem, entretanto, ser pessimista.

No fundo são duas as negações que a minha palavra imoralista encerra. Eu nego, por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, os bons, os benévolos, os benéficos; nego, por outro lado, uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio como moral em si – a moral da *décadence*, falando de modo mais tangível, a moral cristã. (Nietzsche, 1995, p.111).

Uma moral cristã que desejaria o apequenamento do homem, que valorizaria a vontade de poder de ponta-cabeça, voltada contra o próprio homem. AFZ apresenta – sob outros ângulos e frestas – a moral da renúncia de si, que, entre outras, apresenta 7 (sete) armas principais, sete valores, sete pecados.

Assim começa a saga de Zaratustra:

Aos trinta anos de idade, deixou Zaratustra sua terra natal e o lago da sua terra natal e foi para a montanha. Gozou ali, durante dez anos, de seu próprio espírito e da solidão, sem deles se cansar. No fim, contudo, seu coração mudou; e, certa manhã, levantou-se ele com a aurora, foi para diante do sol e assim lhe falou: 'que seria a tua felicidade, ó grande astro, se não tivesses aqueles que iluminas!' (Nietzsche, 2003, p.33).

Já no primeiro parágrafo do livro pode-se perceber seu estilo e seus alvos. A inseparabilidade entre o astro e aquele que ele ilumina já é um preâmbulo da crítica à verdade, a tudo aquilo que pretende existir enquanto 'coisa em si', enquanto uma unidade fenomenológica independente do olhar humano. O que Nietzsche não cansa de mostrar – tanto no AFZ como em todas as suas obras – é que as coisas não existem *para* o homem *sem* o homem. A verdade para Nietzsche, longe de 'iluminar' e decifrar o mundo, nos revela algo mais fundamental: que tipo de homem é esse que vê e conhece o mundo dessa forma e

não de outra. A verdade e os conhecimentos que o homem produz dizem de si, de sua condição histórica, de sua perspectiva de olhar e não do mundo em si.

A questão da verdade aparece também enquanto um *ter-que-agir-assim* porque *assim-deve-ser*, logo,

As técnicas de contenção destiladas nos conventos penetram então nos meios populares (...) despir-se em comum antes de deitar-se no leito fraterno, realizar diante de outros o ritual da toaleta, fazer amor no quarto familiar constituem outras tantas condutas que se tornaram 'vergonhosas'. (Perrot, 1991, p.451-52).

Os costumes, os comportamentos, os pensamentos, enfim, todo humano é uma construção e não algo natural. A maneira de viver está imersa em uma maneira de ver o mundo, em uma moral. Mudar os hábitos, os comportamentos, é mudar também os valores e criar outras medidas.

“Talvez se possa ver o Zaratustra inteiro como música; – certamente um renascimento da arte de ouvir era uma pré-condição para ele” (Nietzsche, 1995, p.82). E mais a frente assinala: “O problema psicológico no tipo do Zaratustra consiste em como aquele que em grau inaudito diz Não, faz Não a tudo a que até então se disse Sim, pode no entanto ser o oposto de um espírito de negação” (Nietzsche, 1995, p.90).

Os dois fragmentos acima apresentam um pouco mais o AFZ. No primeiro, a exigência de um novo *ouvir era uma pré-condição para ele*, uma nova maneira de colocar as coisas como condição para que se possa extrair algo de Zaratustra. A primeira e a segunda parte em especial dão conta dos fracassos de Zaratustra ao

tentar levar sua palavra ao homem, ao lhe falar sobre a morte de Deus e sobre o super-homem²⁷. Muitas dificuldades Zaratustra encontrou entre os homens, muitas resistências aos seus ensinamentos. Na verdade, nunca esteve tão sozinho como entre os homens, motivo pelo qual várias vezes ele regressa à sua montanha, para junto de seus animais e da natureza.

A terceira parte mostra algumas andanças de Zaratustra, algumas viagens e novamente – assim como em todo o livro – discursos e diálogos com os mais diferentes interlocutores.

Primeira, segunda e terceira parte desembocam na importante quarta e última parte, quando Zaratustra, do alto de sua montanha, escuta um grito de socorro e parte ao seu encontro. Neste movimento ele vai encontrar sete personagens que representam sete perigos e sete tentações.

Estes sete encontros compõem aquilo que há de mais nefasto na moral cristã, na moral da decadência (como Nietzsche gostava de chamar), aquilo que diminui mais e mais o homem, aquilo que lhe arrasta mais fundo para o *subsolo*, para a negação de si. É o grande teste à que fica submetido Zaratustra, o teste da transvaloração dos valores, pois o que fica encenado nestes sete encontros são sete valores daquela moral da decadência. Sete valores que buscam a sua afirmação na figura daquele que é considerado o mais ímpio de todos: Zaratustra.

É o grande enfrentamento, a grande batalha, a grande guerra, e tudo isso no terreno da moral. Aliás, como já havia sublinhado anteriormente, a moral no século XIX ganha importância enquanto ponto de apoio do poder, constituindo-se como a

²⁷ O *super-homem* é uma figura utilizada por Nietzsche para falar de um tal homem que fosse capaz de superar essa moral do ressentimento, a moral cristã, contrastando justamente com o *último homem*, o homem deste tempo, o ressentido, o cristão, o decadente.

grande detentora dos interesses neste século. Vejo um reforço desta hipótese também em Nietzsche, sendo a moral o seu tema predileto, e a genealogia da moral um método de análise. Este método encerra em si uma nova visão, um novo “ouvir” para as questões morais por um lado e, por outro, a possibilidade de enfrentamento da moral (dos valores morais) que não seja pela via da negação do mundo (nihilismo), pelo pessimismo ou romantismo, mas pela via da transvaloração dos valores.

Os sete aforismos que representam as sete *tentações* à que fica submetido o Zaratustra são: “Colóquio com os reis”, “A sanguessuga”, “O feiticeiro”, “Sem ofício”, “O mais feio dos homens”, “O mendigo voluntário”, “A sombra”²⁸.

Narrei poeticamente, como a “Tentação de Zaratustra”, um momento em que lhe vem um grito de socorro, em que a compaixão busca surpreendê-lo como um último pecado, subtrai-lo de si mesmo. Permanecer senhor da situação, manter a altura de sua tarefa limpa dos impulsos mais baixos e míopes que agem nas chamadas ações desinteressadas, eis a prova, a última prova talvez, que um Zaratustra deve prestar – sua verdadeira demonstração de força (Nietzsche, 1995, p.29).

4.3 Novos olhares sobre si: a interiorização e a consciência

O aparecimento do ‘ressentimento’ no século XIX deve-se a algumas conjunturas sociais e históricas.

²⁸ Estes sete aforismos encontram-se no livro “Assim falou Zaratustra” (Nietzsche, 2003, p.288-322), cada qual, em especial, sendo representante de um valor moral: a bondade, a conscientização, a penitência, o nihilismo, a compaixão, a náusea, a crença voluntária, respectivamente. Estes sete valores compõem as bases de uma *moral do ressentimento* tal como Nietzsche a entende.

A interiorização do sujeito por um lado:

Quanto mais se avança pelo século, mais o apartamento burguês se assemelha, em seu mobiliário, a uma loja de antiguidades onde a acumulação aparece como o único princípio diretor da composição interior do espaço.” (Perrot, 1991, p.335). “A busca de si mesmo é estimulada ainda por todos os fatos históricos que conduzem ao aprofundamento da sensação de identidade. Sobretudo, a aceleração da mobilidade social engendra um sentimento de insegurança. Incita o autor do diário a indagar-se sobre sua posição, a calcular o julgamento dos outros.(Perrot, 1991, p.457-458).

E o *êxtase místico* da consciência por outro:

Sabe-se com quanta audácia os românticos renovaram o imaginário, multiplicaram as pistas do sonho, enriqueceram as modalidades de momólogo interior e convidaram seus leitores à meditação, à contemplação, quando não ao *êxtase místico* (...) depois de 1830 alargam-se os caminhos do imaginário; o devaneio sensorial perde prestígio em benefício do devaneio fabuloso e itinerante que dá livre curso à imaginação... (Perrot, 1991, p.467-471).

A prática do escrever sobre si (a partir das várias páginas de diários) ganha intensidade no século XIX. Entre outras funções, ela permite que o autor possa pensar sobre si, sobre suas ações e seus comportamentos, como forma de confissão e penitência. O diário vira uma obsessão, uma forma de salvação interior pela palavra, pelo pensamento.

As coleções de objetos antigos nos interiores das casas multiplicam-se, as lojas de antiguidades aumentam em número e seus produtos sofrem um acréscimo de valor – econômico e sentimental – significativo. Ter objetos antigos em casa vira sinônimo de distinção burguês. Este detalhe da vida privada é bastante sintomático daquilo que acontece em nível pessoal, pois este século vai

gestando rapidamente um interior, ou seja, vai enriquecendo-o de uma infinidade de pensamentos que outrora não faziam parte da consciência.

Evidencia-se um verdadeiro *êxtase místico* da consciência, palco de intermináveis devaneios, cálculos e medidas. Guardar, não esquecer, tornar verdade, tudo isso vira obrigação da consciência e sua própria Verdade, marcando uma distinção de caráter fundamental. *Ser consciencioso* (coleccionador de objetos antigos) é uma distinção pessoal muito valorizada a partir deste século, é ser “burguês”, é ser “superior”. Possuir um interior rico e povoado permanentemente – movimento reforçado pelas práticas da confissão como forma de obter a salvação da alma pelos pecados do corpo e da mente – é digno de uma casta seleta e especial. O oposto, o pouco pensamento antes da ação, marca um caráter débil, fraco, tosco e próximo ao animal. Ser humano torna-se ser consciencioso.

O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência... (Nietzsche, 1998, p.50).

A interioridade e a hipertrofia da consciência abrem caminho para uma nova experiência de si. Uma gama infindável de sentimentos, pensamentos e conseqüentes ações ganham espaço na vida individual – e são sentidos como tal.

O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido (...) produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bílis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido em si para o doente – seu mal: infelizmente também sua mais natural inclinação(...) Quem conhece a seriedade com que minha filosofia perseguiu a luta contra os sentimentos de vingança e rancor, até o interior da doutrina do “livre-arbítrio” – a luta contra o cristianismo é apenas um caso particular dela (Nietzsche, 1995, p.30-31).

4.4 O ressentimento como sintoma social

O homem do século XIX passa a habitar o *subsolo*, na profundidade da sua interioridade (recentemente intensificada) experimenta toda forma de fantasmas e medos, regras e medidas, culpas e responsabilidades. Um mundo à parte submerge na consciência, provoca calafrios, raivas, ódios, convulsões corporais, histerias, penitências e transformações fisiológicas. A moral do ressentimento atinge a carne, que outrora era ferida pelas fogueiras, os enforcamentos e a guilhotina.

jamais houve na terra um tal sentimento de desgraça, um mal-estar tão plúmbeo – e além disso os velhos instintos não cessaram repentinamente de fazer suas exigências! Mas era difícil, raramente possível, lhes dar satisfação: no essencial tiveram de buscar gratificações novas e, digamos, subterrâneas. Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem... (Nietzsche, 1998, p.73).

O ressentimento se produz nesse escoamento e redirecionamento da crueldade – impedida pelos valores morais de conduzir-se ao outro – contra si mesmo.

O ressentimento no século XIX transforma-se em um sintoma social: disciplina os corpos e produz vidas. Diferentemente do modo como a histeria fora compreendida na época e nos séculos que se passaram, ou seja, como uma afecção individual, como um sofrimento que estava ligado à sua vida privada, às suas relações passadas, como uma espécie de ontogênese do desejo do sujeito, proponho um outro olhar a partir do que até aqui refletimos sobre o ressentimento: ele recoloca o sujeito num plano social, já que toda a gama de sentimentos e afetos que o caracterizariam e o tornariam pretensamente ímpar são produzidas por uma moral (portanto social) apenas singularizada pelo sujeito. Nesse sentido, a histeria teria uma ligação direta com a moral, sendo o seu sofrimento *um* sofrimento de toda uma raça, de todo *um* tipo de homem.

O ressentimento poder ser esse sinal de alerta de que algo vivido subjetivamente liga-se a *uma* moral específica, no caso, à moral do ressentimento, à moral cristã, como tenho chamado.

O sofrimento vivido individualmente, quando pensado a partir do conceito de ressentimento que estou constituindo, adquire um caráter social, enfatizando o sofrimento de toda uma cultura. Ou seja, o ressentimento dá acesso à moral e às suas produções, aos seu efeitos, aos seus valores, às sua possibilidades, às suas Verdades!

Antes direi no ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido (...) E como do que é igual sempre brotarão iguais, não surpreende ver surgir, precisamente destes círculos, tentativas como já houve bastantes (...) de sacralizar a vingança sob o nome de justiça –

como se no fundo a justiça fosse apenas uma evolução do sentimento de estar-ferido – e depois promover, com a vingança, todos os afetos reativos. Quanto a este último ponto, eu não teria em absoluto o que objetar: tendo em vista o problema biológico no seu todo (em relação ao qual o valor desses afetos foi até hoje subestimado), isto me pareceria até mesmo um mérito. (Nietzsche, 1998, p.62-63).

O estudo do ressentimento trouxe a idéia de que estou frente a um sintoma social que se manifesta – e só assim ele pode existir – em uma pessoa, em alguma instituição. Este sintoma fala de uma moral, de uma cultura, de uma forma de conhecer, de fazer, de um tipo de homem, de uma ‘raça’, e não de uma vida particular. Analisar o ressentimento – seja em alguma clínica, instituição ou mesmo em um trabalho teórico – é analisar a moral e, portanto, o social.

O *processo de individualização* – tema bastante estudado nos séculos posteriores ao XIX – evidenciou um processo de *aparente* cisão entre público e privado e um voltar-se para si na constituição de uma identidade (de uma subjetividade privatizada). O estudo desse processo em larga escala, sendo para criticá-lo ou mesmo para tomá-lo como uma representação do que estava se passando a nível subjetivo, encobriu o tema do ressentimento, tornando-o opaco e quase invisível. Creio que o *processo de individualização*, construído por vários teóricos como forma de tentar explicar um curioso movimento subjetivo de apequenamento do sujeito em *seu* próprio mundo ‘interno’ ao longo de vários séculos até hoje está crivado de preconceitos morais.

Uma nova forma de identidade começa a desenhar-se nesse momento; define o indivíduo humano através dos seus pensamentos mais íntimos, das suas imaginações secretas,

dos seus sonhos nocturnos, das suas pulsões cheias de pecados, da presença constante, obsessiva, no seu foro íntimo, de todas as formas de tentação. (Vernant, J.-P 1988, p.43).

Por outro ângulo, mas partilhando dessa mesma idéia, Figueiredo²⁹ mostra a partir da literatura e da filosofia – principalmente – esse modo de subjetivação individual, de valorização do *eu*, da intimidade, de 1500 à 1900: “volta-se para o íntimo, para a privacidade, para as evidências que se dão ao ‘olho interior’” (Figueiredo, 2002, p.111).

Se, por um lado, destaca-se um certo modo de subjetivação, de morada, de vivência das experiências individuais que realmente mudam bastante durante a experiência do século XIX, tendo, entre outros fatores constitutivos, a supremacia da moral da introspecção, da moral da confissão, da moral como forma de controle social, da moral cristã, da moral do ressentimento, por outro, a dinâmica do ressentimento mostrou o quanto este sintoma ofuscou a sua própria compreensão – o quanto fazia parte do funcionamento do ressentimento ‘fazer-ver’ o sofrimento realmente como algo individual e não social –, sendo o sofrimento humano visto como caso de polícia ou medicina (como por exemplo, o clássico caso de entendimento da mulher histérica no final deste século que, ou era vista como desleixada com as obrigações e deveres femininos e, portanto, responderia judicialmente por isso, ou virava caso clínico de interesse médico). Faz parte da engenhosidade do ressentimento, impedir que sua ligação aos valores morais seja posta em evidência.

Minha reflexão até aqui me leva a pensar que esta ‘volta ao íntimo’ – tão destacada por alguns autores – não é uma volta para a privacidade, mas uma

volta à moral (portanto ao social, agora vivido de forma *íntima*) enquanto instrumento privilegiado de poder sobre as vidas.

Todo olhar sobre a história – e por que não, sobre a invenção do psicológico? – só pode se dar a partir de uma *perspectiva* que é inerente a todo saber, como nos alertou Foucault:

Os historiadores procuram, na medida do possível, apagar o que pode revelar, em seu saber, o lugar de onde eles olham, o momento em que eles estão, o partido que eles tomam – o incontrollável de sua paixão. O sentido histórico, tal como Nietzsche o entende, sabe que é perspectivo, e não recusa o sistema de sua própria injustiça. (...) Tendo pretendido apagar de seu próprio saber todos os traços do querer, ele reencontrará do lado do objeto a conhecer a forma de um querer eterno (Foucault, 1979. p.30-31).

E é nesse sentido que estou utilizando o ressentimento, para mostrar que na raiz de todo saber, de todo fazer, de todo compreender, está um querer. E Foucault complementa: “É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault, 1979. p.28). Nesse sentido é que me parece crivado de preconceitos morais a noção de alguns historiadores que, ao sublinharem o século XIX como momento da *interiorização* do sujeito e cisão entre indivíduo e social, deram pouca importância à moral e a sua nova configuração.

Ao invés de *processo de individualização*, não seria interessante pensar que o século XIX produz, paralelamente a este, um outro processo, um *processo de moralização*? Já que a mudança evidenciada é – entre outras coisas – uma alteração nas relações de poder que passam a ser exercidas pelos valores morais

²⁹ (Figueiredo, 2002)

e não mais por alguma figura Soberana, e isso tudo a partir do solo profundo e sinuoso da consciência.

'O fora' (antes reconhecido na figura de Deus ou mesmo um Rei ou Estado), ou seja, aquilo que fazia com que algo fosse cumprido pelas diversas instâncias deste social (estando os sujeitos aí inseridos) apenas transmutou-se na figura dos valores, tendo esses a importância que tinham aqueles outrora. O alargamento da consciência e o povoamento da memória (a partir de então muito valorizados) que evidenciam um aumento do desejo de guardar o passado, tanto a partir de objetos antigos como a partir das fotografias no desejo de eternizar, de não esquecer, de registrar em diários, de naturalizar, criam um solo propício para a propagação do ressentimento e da sensação de que realmente trata-se de algo individual.

O ressentimento me apresenta indícios de que parece possível trabalhar com Psicologia Social também em nível pessoal, ou seja, com algo *social* (a moral do ressentimento) singularmente.

Não é um *processo de individuação*, tão somente, o que pude observar até aqui (como tentei mostrar a partir da contribuição de alguns autores anteriormente), mas também um *processo de moralização*. Este último essencialmente social, mas social-moral e não social-individual. Somos tão sociais hoje como fomos em outras épocas, apenas de uma outra forma. A ênfase aqui é no social, e não no individual, sendo que o *processo de individuação* (enquanto forma privilegiada de pensar o homem do século XIX em diante) parece não ter passado de uma ilusão com estratégias e efeitos bem definidos, qual seja, o de evitar que a moral (ferramenta importante de uso do poder a partir deste instante)

fosse vista em ação. Todavia, não pôde evitar a aparição de seu nefasto sintoma, o ressentimento, o qual o denunciou.

O olhar que antes se dirigia a um pretense interior da alma na busca de desejos disfarçados, agora – a partir do ressentimento – repousa sobre os valores que agitam a vida do sujeito. Portanto, plenamente social, pois não há nada mais social do que os valores morais de uma época.

Não somente o mau, mas principalmente o bom necessita ser desbanalizado. Desta forma, quem estará em psicoterapia na nossa frente, em nossos consultórios, não será mais o sujeito, mas uma raça, modos arcaicos de vida, verdades milenares, monumentos sagrados, enfim, *uma moral*.

Pensar o homem hoje a partir de tudo que refleti sobre o ressentimento me deixa não uma resposta, mas um outro problema: a Psicologia inclinou-se até hoje, em grande medida, sobre os *sintomas do homem*, entretanto, poderá ser interessante, e até louvável – quem sabe? – tomar o *homem como um sintoma*? Isto corresponderia a problematizar o homem que cria seus próprios sintomas e produzir neste esforço uma clínica implicada, irremediavelmente, com o social desde uma perspectiva crítica da moral.

5 Ressentimento: sintoma e método

O ressentimento – sintoma social e representante derradeiro, segundo Nietzsche, da moral da decadência, da moral cristã, da moral da negação – atinge seu ápice no século XIX.

O livro MS apresenta o ressentimento de forma direta e intensa. Ele não fala desse sintoma, mas é a própria experiência deste vivida pelo personagem. Por se tratar de uma obra do século XIX, não seria conveniente perguntar que importância pode haver em utilizar em uma pesquisa um material de um outro século para problematizar o modo como entendemos o homem hoje?

Não se trata nem de iluminar o passado, até então obscuro aos olhos científicos, em relação a questão do ressentimento, nem de procurar no século XIX as origens para as questões do século XXI.

Ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios (...) é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente (Foucault, 1979, p.21).

A história como multiplicidade, caos, devir, forças, e não como origem, verdade: é a maneira como pretendo usar o livro MS, pois “À medida que buscamos as origens, vamos nos tornando caranguejos. O historiador olha para trás; até que finalmente *acredita* para trás”.(Nietzsche, 2000, p.13).

A bondade, a conscientização, a penitência, o niilismo, a compaixão, a náusea, a crença voluntária: são estes os meus sete pecados capitais. Pecados que, como já pude mostrar³⁰, são valores pertencentes à moral do ressentimento, muito estimados pela sua importância social em função de uma imaginária diminuição da crueldade, num plano de humanização evolutiva da espécie humana.

Diferentes momentos históricos deram a luz a muitos valores. Mesmo a moral do ressentimento que tenho tratado neste trabalho já comportou diferentes estágios do desenvolvimento. O modo como vivemos e entendemos esses sete valores é bem diferente do que já ocorrera em outras épocas.

O século XIX propiciou o alastramento do ressentimento devido principalmente a dois fatores. Por um lado, o incremento decisivo do *processo de interiorização* do homem, que atinge nesse momento uma profundidade nunca prevista anteriormente. E por outro, uma espécie de *êxtase místico da consciência*, onde este fetiche da consciência transforma-se em uma forma privilegiada de fruição do poder. Logo,

escavar as relações de poder, o modo como se constituem, a forma como estruturam os campos sociais, essa poderia ser a função do intelectual, inserido num regime de verdade que está operando uma dada sociedade, em um determinado momento histórico, pois sabemos que a verdade *não existe fora do poder, ou sem poder* (Eizirik, 2002, p.64).

³⁰ Apresentei-os no capítulo *Século XIX: a invenção do ressentimento*.

A consciência, ou melhor, o uso desmedido da consciência marca uma distinção de classe. Ora, pensar bastante antes de agir vira sinônimo de *nobreza de caráter*. Assim, é tomado como *animal* ou *irracional* todo ato que carece de pensamento prolongado antes da ação. Estes dois aspectos compõem um terreno propício ao desenvolvimento do ressentimento como um sintoma de grande expressão do século XIX até a aurora do século XXI.

Pretendo, neste capítulo, indagar sobre as relações entre o homem e o ressentimento a partir de excertos do livro MS, ou seja, entre o personagem deste livro e aqueles sete valores os quais chamei de sete pecados capitais.

A partir de trabalhos teóricos e práticos, por muito tempo, a Psicologia privilegiou a análise individual de um sujeito remetendo-a aos desejos e relações individuais³¹. Nessa mesma direção do entendimento do sofrimento e da vida humana, deu pouca importância à moral, vendo-a como uma questão individual, onde cada qual tem seus valores, não cabendo à Psicologia interferir nesse terreno³². Nesse sentido, a compreensão do sofrimento histórico, evidenciada no final do século XIX, é emblemática, pois foi visto como um problema médico, como uma afecção nervosa digna de fervorosos estudos em clínicas compostas de cenas teatrais, professores e uma platéia de doutos ávidos em encontrar uma explicação 'físio-neuro-psi' para tal fenômeno³³. Por que seus gritos esganiçados

³¹ Uma obra que aborda 'predominantemente' a questão do ressentimento do ponto de vista subjetivo e não moral (como tenho tratado) é o livro "Ressentimento" de Maria Rita Kehl: "A clássica acusação – "você tem, mas não me dá" – permite refazer o caminho de volta: do marido, objeto do ressentimento atual, ao analista; do analista ao pai do segundo tempo do Édipo; deste à mãe fálica do primeiro tempo do Édipo, até chegar – por efeito da renúncia do analista em satisfazer ou consolar sua analisante – à possibilidade de (re) simbolização da diferença sexual" (Kehl, 2004, p.70). Todavia, um importante estudo sobre o ressentimento para aqueles que tem proximidade com a teoria psicanalítica ou tem interesse pelo tema do ressentimento.

³² É claro que Nietzsche – que se considerava o *primeiro psicólogo* (Giacoina, 2001) – foi uma exceção nesse sentido, já que colocava a questão dos valores morais entre os "problemas fundamentais" a *uma* certa Psicologia.

³³ Perrot, 1991. Também o capítulo "Século XIX: a invenção do ressentimento" deste trabalho traz alguns esclarecimentos sobre a questão da percepção inteirizada do sofrimento tanto do ponto de vista médico quanto daquele que sofre.

foram abafados por explicações desejosas, por mitos e crenças científicas? Por que a moral não entrou em análise?

Estamos habituados a analisar os sintomas de um indivíduo partindo dele e terminando nele. Pretendo, de outra forma, partir 'dele' para atingir o social a partir do ressentimento, vendo neste um sintoma social, um sintoma de toda uma raça, de um 'tipo-homem'.

Ao contrário da análise que os sintomas histéricos tiveram no final do século XIX, sempre em busca de desejos negados, 'esquecidos', recalçados, ou seja, colocando em um ato de interdição (de castração do desejo) a aparição do sintoma póstumo, pretendo ter na base da constituição do sintoma do ressentimento – não uma negação – mas a afirmação de uma moral (no caso, a moral da renúncia de si, a moral da decadência, a moral do ressentimento).

Na aurora do século XX, uma mulher que desprezasse os cuidados familiares, que bebesse, freqüentasse locais públicos sem a presença dos maridos, que jogasse cartas ou desprezasse a religião tinha dois destinos possíveis: ou era fortemente *desvalorizada* (uma prostituta, desonrada), ou virava um tema de estudo de círculos médicos e científicos (alguém doente, que não sabe o que faz). De qualquer forma, neste último caso, gozaria de uma certa complacência social por se tratar de alguém acossado por uma doença. A 'doença nervosa' pelo menos garantia um lugar mais 'nobre' nessa moral do que aquele adquirido pela boêmia (prostituta). Todavia, ambos eram desvalorizados socialmente.

A análise do ressentimento que atormenta o personagem do livro MS pretende inventar uma outra vicissitude que não a 'cadeia' (destinada às

'prostitutas') ou o 'hospital psiquiátrico' (destinado às 'histéricas'). Quem entra em análise quando pensamos no ressentimento não é o sujeito, mas a moral: no meu trabalho, são os sete pecados capitais, estes sete ícones da moral do ressentimento.

O livro MS apresenta dois capítulos que correspondem a dois movimentos cruciais do século XIX que tornaram possível a eclosão do ressentimento. Um primeiro capítulo, chamado "O subsolo", evidencia um monólogo pretensamente "interior" da mais profunda riqueza. O segundo, chamado "A propósito da neve molhada", apresenta o funcionamento de uma consciência que tudo guarda, que nada esquece, que muito tem a recordar. O livro todo mostra esse espaço interior em funcionamento, povoado de memórias que não mais podem ser esquecidas, recordações que agem como verdades, que movimentam os corpos, que provocam suores na neve molhada.

O ideal de um interior e de um ilusório livre-arbítrio³⁴ está constituído, a casa está edificada. Mas faltava ainda alguém que fizesse funcionar esse antro familiar e que lhe assegurasse um bom desempenho: a consciência. "“Outrora, quanto a consciência tinha de morder? Que bons dentes ela possuía? E hoje? Quantos lhe faltam?’ Pergunta de um dentista.” (Nietzsche, 2000, p.14). Está completo o terreno para o surgimento do ressentimento, seus nutrientes necessários aí estão.

Mas, o que é o ressentimento? Para além da definição nietzscheana de que o ressentimento caracteriza-se por um sentimento de renúncia, de negação de um sentimento ou ação justamente porque se acha incompatível com o modo como a

³⁴ "Os homens foram pensados como "livres", para que pudessem ser julgados e punidos – para que pudessem ser *culpados*" (Nietzsche, 2000, p.54). Esta frase sustenta o que para Nietzsche constituía uma certa *Psicologia da vontade* que tem como pressuposto o 'livre-arbítrio', a liberdade.

moral é vista ou imaginada, esta é uma questão que irá desdobrar-se em uma outra que norteará esse capítulo: como podemos imaginar o ressentimento entendendo o mesmo como um sintoma social? Ou seja, qual sua efetividade e as conseqüências teóricas de considerarmos o ressentimento um conceito que se encontra nesse espaço entre o social e o singular, mas que não pertence nem a um nem ao outro exclusivamente?

5.1 O subsolo:

Já faz muito tempo que vivo assim. Tenho quarenta, agora. Já estive empregado, atualmente não. Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso (...) e quarenta anos são, na realidade, a vida toda; de fato, isso constitui a mais avançada velhice. Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral! Quem é que vive além dos quarenta? Respndei-me sinsera e honestamente. Vou dizer-vos: os imbecis e os canalhas. (...) Quem, afinal, sou eu, vou responder: sou um assessor-colegial [Posto mediano da administração civil, no regime czarista. Nota do Tradutor]. Fiz parte do funcionalismo a fim de ter algo para comer (unicamente para isto), e quando, no ano passado, um dos meus parentes afastados me deixou seis mil rublos em seu testamento, aposentei-me imediatamente e passei a viver neste meu cantinho. Já antes disso vivi aqui, mas agora instalei-me nele. (...) A minha criada é uma aldeã velha, ruim por estupidez, e, além disso, cheira sempre mal (Dostoiévski, 2000, p.15-18).

Assim começa nosso personagem apresentando-se aos seus leitores. Trata-se de alguém de quarenta anos, aposentado, que possui um cantinho onde se encontra instalado. Esta apresentação inicial do *homem do subsolo*³⁵ é uma

³⁵ "*Homem do subsolo*": é desta maneira que pretendo chamar a este personagem do livro MS que, apartir deste momento, começarei a analisar mais diretamente.

apresentação também do século XIX, ou melhor, de valores e modos de vida que a partir do século XIX começam a ganhar intensidade.

Os bons são os que trabalham, os que possuem renda e os que podem, com isso, ter acesso a bens materiais como uma boa e suntuosa casa. A importância da casa é que ela se constitui como espaço privado de convívio familiar, sendo uma essencial estrutura arquitetônica. É ali, no seio da família, que o homem se torna digno e “limpo” da “poluição” advinda dos espaços públicos.

Gostaria de assinalar o que neste momento configura-se como nobreza. “Ser nobre” não é só um privilégio das classes mais ricas da sociedade, como já fora outrora (por exemplo, durante o Império Romano no século I d.C. onde os Senadores, Imperadores e “donos” das cidades detinham realmente a parte maior das riquezas da nação, e isso de fato lhe definia como alguém que *deveria* ser mais nobre³⁶), pois no século XIX todo “pai de família” *deve ser* também um governante familiar, e aí temos uma das fontes de nobreza da época. Uma família bem definida pelos papéis de cada um (pai, mãe, filhos) não caracteriza uma ‘família suficientemente boa’ e não basta para o “bom” funcionamento social. É ainda necessário que cada um cumpra seu dever, que cada um respeite o seu campo de ação (por exemplo, que as mulheres limitem-se ao espaço privado de sua casa enquanto os homens possam habitar também o espaço público a fim de conseguir sustentação financeira e *digna* para a família).

Em um caso policial da época³⁷, no seu julgamento por agressão física e maus tratos à mulher, um homem justifica e sustenta sua defesa frente às

³⁶ Veyne, 1989.

³⁷ Perrot M., 1991.

autoridades jurídicas com o argumento de que ao chegar em casa a lareira ainda estava apagada.

Isto tudo nos leva a destacar a importância da família enquanto núcleo social que detém as chaves da honra e da nobreza, bem como a casa como o meio material de isolamento desse privado do mundo exterior, considerado sujo, desumano e fonte de doenças. Daí a idéia da privação como forma de evitar o “contágio” com esse exterior temido.

O personagem que estamos começando a conhecer vive em seu ‘cantinho’(no subsolo), tendo como criada uma aldeã que ‘cheira sempre mal’. Aposentou-se relativamente cedo, deixando bem claro que trabalhava apenas para se sustentar. Vários indícios, portanto, de alguém que tem hábitos e gostos que não estão de acordo com aquilo que socialmente se considerava nobre: o descaso com o trabalho e o elogio ao ócio, a casa não tratada com todas as pompas habituais, sendo inclusive um lugar que agrega a si alguém (a sua aldeã) que não leva a sério os hábitos higiênicos.

Devo destacar que a prática de escrever sobre si (sobre sua vida, suas condições, suas doenças, fracassos, acasos, desejos, acontecimentos), de relatar sobre si acentua-se durante o século XIX, e é exatamente o que visualizamos nesses primeiros escritos do livro MS: alguém que relata sua própria vida.

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso – que para nada serve (Dostoiévski, 2000. p.17).

O século XIX, como já mostrei anteriormente, edifica alguns ideais, como o da casa própria, da família nuclear tendo no pai o seu chefe, da remuneração financeira satisfatória, entre outros. Estes ideais, evidentemente, retribuem àqueles que neles crêem e que se esforçam para alcançá-los. Há um prazer apaziguador da energia empreendida, que provém daquela sensação que somente os seres morais como nós humanos experimentamos.

Na apresentação do *homem do subsolo* temos alguns indícios de que este personagem não compactua com a moral da época, ou pelo menos, não a manifesta 'claramente', a partir da análise de seus comportamentos e modos de vida, como força norteadora. Logo, também não se beneficia daquele prazer de que falei no parágrafo anterior (um prazer moral). Ele fala de um certo 'consolo raivoso' como recompensa, e em seguida complementa: *que para nada serve*.

Um certo *niilismo* escorre por todo aquele trecho, sorrateiramente. Uma descrença em um mundo onde *nada* se consegue ser, nem bom nem mau, nem canalha nem inseto. Um *niilismo* que tem como consolo a raiva, que se para nada serve, ao menos é um consolo, ao menos é algo que se produz. O ressentimento aparece aqui como 'consolo raivoso' ligado a uma descrença no mundo.

E como eu não haveria de chamar de pecado um sentimento como esse, o *niilismo*: um pessimismo diante do mundo, um querer de nada, para baixo, para o subsolo. Aliás, tentei mostrar o oposto, ou seja, que não se trata de um querer nada, mas de um querer (acolher) a raiva reativa³⁸ que se produz nessa relação. Uma raiva impotente, passiva, que necessita da consciência para sua

³⁸ Reativa porque surge de uma impossibilidade e de uma negação da moral produzindo um 'consolo raivoso'.

germinação. Portanto, o *niilismo* por um lado e a *conscientização* por outro, dão suporte ao consolo raivoso de que fala nosso personagem *do subsolo*.

A *morte de Deus* é, para Nietzsche, uma das motivações que podem nos arrastar ao niilismo: “Mas, quando ficou só, Zarathustra falou assim ao seu próprio coração: ‘Será possível? Esse velho santo, em sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*’” (Nietzsche, 2003. p.35).

O que está morto é a verdade, a moral enquanto algo inquestionável, superior, transcendental: “O erro de confundir o espírito enquanto causa com a realidade! E torná-lo medida da realidade! E chamá-lo *Deus!*” – (Nietzsche, 2000, p.49). O perigo dessa morte é que pode vir daí uma certa descrença com relação à vida, que perde seu sentido, já que tudo que até então se acreditava não existe mais, “agora, porém, fiquei sem ofício, sem senhor e, contudo, não livre e, também, sem ainda um só momento de alegria, e não ser nas minhas recordações” (Nietzsche, F., 2003. p. 305).

Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove e que tenha, além disso, a infelicidade de habitar Petersburgo, a cidade mais abstrata e meditativa de todo o globo terrestre. (...) Seria de todo suficiente, por exemplo, a consciência com que vivem todos os chamados homens diretos e de ação (Dostoiévski, 2000, p.18).

A *conscientização*, considerada por mim um dos pecados, é aqui exposta de forma crua em seus efeitos, e deixa transparecer toda a sua força e importância para o homem a partir desse momento. A consciência – agora mais robusta – vira doença. A idéia de uma ‘consciência desmedida’ vai ser bastante valiosa para todo o restante do capítulo, já que é a partir dela que os outros ‘pecados’ poderão surgir.

“Poucos sabem disso: que é preciso ter todas as virtudes, para dormir bem. direi falso testemunho? Cometerei adultério? Desejarei a mulher do meu próximo? Nada disso seria compatível com um bom sono” (Nietzsche, 2003. p. 54).

Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é “belo e sublime”, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo. Porém o traço principal estava em que tudo isso parecia ocorrer-me não como que por acaso, mas como algo que tinha de ser (Dostoiévski, 2000, p.19).

É importante fazer uma observação: a moral ou o bem não existem enquanto algo objetivo, enquanto uma cartilha. A moral só existe na medida que ‘parece algo a alguém’, e somente assim é que ela tem algum efeito. A moral se apresenta ao homem justamente como uma sensação de que algo ‘assim deveria ser’, e desta forma produz ações e sentimentos. Portanto seria interessante não subestimar esta ‘sensação’.

Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação; vinha da sensação que experimentava de ter chegado ao derradeiro limite; de sentir que, embora isso seja ruim, não pode ser de outro modo (...) e, mesmo se quiséssemos, nada faríamos neste sentido, mesmo porque em que nos transformaríamos? (Dostoiévski, 2000, p.20).

O prazer com sua própria degradação é o tema aqui presente. Soma-se a isso a idéia de que não poderia ser de outro modo, pois, ‘em que nos transformaríamos?’ Tenho por hábito – ou seria por mau hábito – falar diretamente, e, sendo assim, não posso deixar de fora desta análise a sensação de que estamos frente a um dos valores mais difundidos pela moral do ressentimento e que mais sofrimento criou sobre o homem: a *penitência*. ““O penitente do espírito” (...) o poeta e feiticeiro, que, finalmente, volve seu espírito contra si mesmo, o homem transformado que se regela de suas más ciência e consciência”. (Nietzsche, 2003. p. 301).

A penitência lhe dá prazer. Um prazer a partir do ‘assim deve ser’, um prazer pelo cumprimento da norma, da lei, pela impossibilidade de ser de outro modo.

A igreja combate o sofrimento através da extirpação em todos os sentidos: sua prática, seu ‘tratamento’ é o da castração (...) atacar os sofrimento na raiz é o mesmo que atacar a vida na raiz: a práxis da igreja é *inimiga da vida*” (Nietzsche, 2000, p.38).

A recompensa da penitência é esse prazer, essa bondade moral e, conseqüentemente, essa bondade consigo mesmo. A auto-aniquilação da vida – sinônimo de penitência – traduz-se a partir do *dialeto moral*³⁹ em bondade e prazer. E é por tudo isso que a bondade também pode ser um pecado.

Pois bem, um homem desses, um homem direto, é que eu considero um homem autêntico, normal, como o sonhou a sua própria mãe carinhosa, a natureza, ao criá-lo amorosamente sobre a terra. Invejo um homem desses até o extremo da minha bÍlis. Ele é estúpido, concordo, mas talvez o homem normal deva mesmo ser estúpido, sabeis? Talvez isto seja até muito bonito (Dostoiévski, 2000, p.22).

É claro que o personagem aqui não está falando dele, mas de um outro tipo de homem: do homem nobre que distinguimos do homem escravo anteriormente⁴⁰. É importante considerar que quando falo de ‘homem nobre’ ou ‘homem escravo’ não estou indicando duas estruturas de personalidade ou dois tipos distintos de homem. Estou me referindo às *forças nobres* e *forças escravas*, pelas quais todos nós, em maior ou menor medida, somos habitados.

Na passagem acima encontramos uma aproximação entre homem e natureza como algo que talvez seja até mesmo valioso, nobre. É importante recordar que a moral do ressentimento, a moral cristã, empenhou todas as suas forças para justamente afastar cada vez mais o homem daquilo que é natural,

³⁹ “Em verdade, todas estas pretensas explicações são conseqüências de estados de prazer e de desprazer traduzidos, por assim dizer, em um falso dialeto (...) confia-se em Deus porque o sentimento de plenitude e de força entrega ao indivíduo a quietude. – A moral e a religião pertencem completamente à psicologia do erro”. (Nietzsche, 2000, p.53).

incontrolável, terrível. Ela, na verdade, necessitava dar ao homem uma nova morada para que, a partir daí, pudesse impor suas regras e leis. Dar uma nova morada significa dar-lhe um novo estatuto, ou melhor, impor-lhe com toda a crueldade que se possa imaginar, costumes e sensibilidades novas, instintos antinaturais de todas as espécies, tornando todo sacrifício pelo próximo uma prática recompensadora, que no dialeto da moral do ressentimento alcança o sentido de uma *virtude*:

Sois pressurosos em acudir ao próximo e tendes bonitas palavras para isto. Mas eu vos digo: o vosso amor ao próximo é o vosso mau amor por vós mesmos. Fugis para junto do próximo a fim de fugir de vós mesmos e desejaríeis fazer disto uma virtude; mas eu vejo claro em vosso “altruísmo”. (...) Não vos suportais a vós mesmos e não vos amais bastante: então, quereis induzir o próximo a amar-vos, para vos dourardes com seu erro (Nietzsche, 2003, p.87).

A compaixão é o valor mais astuto da moral do ressentimento. Mas ela não seria o exercício da crueldade às avessas (“vosso amor ao próximo é o vosso mau amor por vós mesmos”)? De fato o é se considerarmos que na compaixão – este sagrado pecado – evidenciamos uma volta dos instintos estúpidos (livres) que outrora se dirigiam de bom grado ao outro, para si mesmo.

A moral do ressentimento, a partir dessa sua importante base chamada compaixão, não consegue tornar o homem mais ‘humano’ ou solidário. Pelo contrário, permanece a crueldade como sinal de uma força para além da própria moral, incapaz de adestrar-se a ela. Há algo no homem que o conduz sempre à

⁴⁰ No capítulo “Da genealogia à moral do ressentimento”.

natureza mais primitiva, grotesca, estúpida, terrível, que o faz pertencer a um mundo das coisas vivas, que, por tal estado, estão sempre sedentos de poder, de inimigos, de guerras, como forma de atualização da sua força. Um exemplo: a Igreja. Mas será possível a crueldade habitar a Igreja? “Oh, quanta supérflua crueldade e tortura animal teve origem nas religiões que inventaram o pecado! E nos homens que quiseram, com isso, ter a mais alta fruição de seu poder!” (Nietzsche, 2004, p.46).

A compaixão talvez não seja tão sagrada como poderíamos supor inicialmente, já que carrega consigo a crueldade que é, paradoxalmente, aquilo que ela gostaria de combater. Somente tornou-se uma virtude em razão de um *oportuno* esquecimento desse seu aspecto cruel. Quando chamo de “oportuno” é para sublinhar que se trata de um *esquecimento moral* e não individual, um tal que é característico de toda uma raça de homem e de como este percebe e se relaciona com a vida. Logo, como não trabalhar com os valores de forma direta em qualquer nível de atuação psicológica?

Quando se fala de humanidade, a noção fundamental é a de algo que separa e destingue o homem da natureza. Mas uma tal separação não existe na realidade: as qualidades ‘naturais’ e as propriamente chamadas ‘humanas’ cresceram conjuntamente. O ser-humano, em suas mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter. As capacidades terríveis do homem, consideradas desumanas, talvez constituam o solo frutífero de onde pode brotar toda humanidade, em ímpetos, feitos e obras (Nietzsche, 2000a. p.65).

Será que *devemos* pensar a compaixão como uma virtude ou um pecado? Meu trabalho não tem a pretensão de responder esta questão, mas o desejo de criar uma outra via de entedimento possível.

A tua vergonha, Zaratustra, me honrou! Saí a custo do meio do tropel dos compassivos – a fim de que pudesse encontrar o único que, hoje, ensina ‘a compaixão é molesta’ – tu, ó Zaratustra! – Quer seja a compaixão de um Deus, quer seja a de um homem: a compaixão é contrária ao pudor. E pode ser mais nobre o não querer prestar ajuda do que a virtude que logo acode. Mas a isso, a compaixão, chama o povinho virtude por excelência; não tem ele o menor respeito pela grande desgraça (Nietzsche, 2003, p.311-12).

A compaixão seria uma *falta de respeito* pela *grande desgraça*? Uma impaciência com o ocaso?

E o mais importante é que ele mesmo se considera a si mesmo um camundongo; ninguém lhe pede isso, e este é um ponto importante (Dostoiévski, 2000, p.22).

A importância da compreensão do ressentimento não como um sintoma passado, mas atual, talvez traduza meu esforço nesse trabalho. Pensar o passado com olhos voltados para o presente, tomando aquele não como meio de entender este, mas como forma de jogar o presente na multiplicidade de possibilidades de entendimento e que se renova a cada instante.

Podemos perceber na passagem acima que ele mesmo se considera um camundongo, alguém desprezível, um animal pouco interessante, que não deva ser levado a sério. A primeira questão que sobressai é que ele *não é* um camundongo, mas *ele se vê como um* camundongo. Há uma grande diferença entre essas duas asserções, pois enquanto no primeiro caso estaríamos lidando com a idéia de uma verdade (ele é um camundongo), no segundo fica destacado o olhar que assim o caracteriza, sem o qual ele não existiria como tal. Ver-se como um camundongo é uma construção, um olhar entre outros possíveis.

Considerar-se um rato e ter repugnância de si mesmo nos remete a um outro importante pecado, base desta moral do ressentimento: *a náusea*. Bem entendida, a náusea corresponde a um certo enjôo do homem com o homem. Uma fadiga consigo e com suas ações.

Não és o mendigo voluntário, que, um dia, atirou para longe de si uma grande riqueza – que se envergonhou da sua riqueza e dos ricos e fugiu para o meio dos pobres, a fim de doar-lhes a sua abundância e o seu coração? Mas eles não o aceitaram (Nietzsche, 2003, p.316).

Um elogio ao *ser pobre* e uma *vergonha da riqueza*: contribuições à produção da náusea sempre que esse homem – o homem do ressentimento – é tomado por qualquer força na direção da maior *riqueza*, de uma força que deseje para além do necessário, da utilidade, da moral.

A náusea, tal como estamos definindo, só tem sentido se considerarmos a moral como uma referência (um código) a partir da qual algumas ações humanas

– por tradução – tornam-se nauseantes. Aí reside a importância dos valores de um tempo, pois são eles que definem, a partir do “tu deves” ou “tu não deves”, aquilo que adquire valor positivo e negativo. A moral é, portanto, uma escolha humana entre muitas possibilidades. E é por isso que ela é sempre mentirosa, enganadora, parcial,

antinatural, ou seja, quase todas as morais que foram até aqui ensinadas, honradas e pregadas, remete-se, de modo inverso, exatamente *contra* os instintos vitais. Ela é uma *condenação* ora secreta, ora tonitruante e insolente destes instintos (Nietzsche, 2000, p.41).

Outrora não se levava em consideração a moral na compreensão dos sintomas dito ‘individuais’, mas tenho tentado mostrar o quanto os sofrimentos privatizados estão crivados de preconceitos morais.

Pois bem, é justamente em todos esses atos conscientes e infames que consiste a volúpia. Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir. Pois não durmais, senti vós também, a todo instante, que estou com dor de dentes. Para vós, eu já não sou o herói, que anteriormente quis parecer, mas simplesmente um homem ruinzinho, um chenapan [vagabundo, bandido, calhorda, em francês. (Nota do Tradutor)]. Bem, seja! Estou muito contente porque vós me decifraídes. Senti-vos mal, ouvindo os meus gemidos ignobeizinhos? Pois que vos sintais mal; agora vou soltar, em vossa intenção, um garganteio ainda pior... (Dostoiévski, 2000, p.27-28).

Novamente, a compaixão! Porém, aqui, este terrível pecado aparece de forma mais evidente e menos nobre: mais cristão.

O personagem destaca uma volúpia em expressar sua dor ao outro, como uma última forma desesperada de alcançar algum tipo de prazer. Não é à toa que Nietzsche chama de *último homem* o homem do ressentimento, o homem da moral cristã, da moral decadente. A compaixão do outro é o seu último suspiro, o instante final de uma vida asfixiada. Toda a náusea do homem é aqui esguichada e transformada em espetáculo a partir da produção da compaixão.

O 'amor ao outro' como um valor supremo (divino) necessita do sofrimento para sentir-se útil. Necessita da fragilidade do homem para fazer do mesmo algo útil sobre a terra e 'encontrar' nesta um sentido. Assim falou Zaratustra: "Que seria a tua felicidade, ó grande astro, se não tivesses aqueles que iluminas!" (Nietzsche, 2003, p.33).

Quem já participou de um velório por motivo da perda de alguma pessoa de suas relações deve ter percebido o que venho pensando a respeito da compaixão. Nos olhares das pessoas ressalta a bondade e a compaixão que as conduzem até os familiares para lhes prestar 'o pesar' pelo acontecido (a sua piedade, a sua tristeza). Trata-se de uma cena prototípica da moral do ressentimento, e muito atual hoje em dia. A morte e, mais que isso, a fraqueza diante da morte, como produtora de típicas cenas de compaixão. Aquele que leva o 'pesar' reativa em si um prazer que é o de estar vivo e não ali deitado inerte. Já o que recebe diviniza-se, mesmo com todo o sofrimento e a dor da perda, de poder ainda provocar o outro com sua dor. Ambos, o que recebe e o que dá o 'pesar', não o fazem, como podemos perceber, por amor ao próximo exclusivamente, mas por amor a si

mesmos por estarem vivos e terem poder sobre o outro. É o complexo sistema da compaixão dentro da moral cristã. A crueldade enquanto vontade de poder está implícita mesmo na compaixão, embora nem sempre visível, todavia voltada para baixo, para o sofrimento, para o apequenamento.

A crueldade que outrora – durante o Império Romano – fazia agitar as arenas com espetáculos de sacrifícios humanos e animais, encontra agora prazer na compaixão, e isto para Nietzsche seria um sinal de decadência:

Daí se segue que também aquela *contranatureza da moral*, que toma Deus como conceito contrário e condenação da vida, é apenas um juízo de valor da vida. – *De que vida? De que tipo de vida?* – Mas eu já dei a resposta: da vida decadente, enfraquecida, cansada, condenada. A moral, tal como foi entendida até aqui (...) é o próprio *instinto da decadence* que se transforma em imperativo. Ela diz: “*Pereça!*” ela é o juízo dos que foram condenados... (Nietzsche, 2000, p.42).

Nietzsche, em uma de suas últimas obras⁴¹, faz um alerta sobre a confusão entre causa e consequência. É uma distinção importante nesse momento, pois na cena de velório e sofrimento que descrevi acima, imaginamos que a compaixão seja a *causa* que tem como *consequência* o aplacamento da dor. Entretanto, o modo de vida e os valores estimados pela moral cristã é que constituem uma espécie de *condição prévia* e *causa* da compaixão. A compaixão não é uma escolha possível entre outras, ela é a consequência necessária que tem como causa essa moral decadente. Vemos então que tal moral cria uma *condição prévia humana* que faz com que vejamos ações como a compaixão como necessárias na

⁴¹ Nietzsche, 2000, p.46-46.

diminuição do sofrimento, quando na realidade ela mesma – essa moral cristã – é que é a causa desse aumento do sofrimento, que tem como consequência imperativa a compaixão. A causa da dor? Essa moral. O remédio da dor: a compaixão.

Bem, acaso pode respeitar-se um pouco sequer o homem que tentou encontrar prazer mesmo no sentimento da própria abjeção? (...) nunca suportei dizer:” Desculpe, papai, não vou mais fazer isso (Dostoiévski, 2000, p.28).

O ressentimento leva nosso olhar ao exterior, ao social, à moral, por entender que o homem só tem algum sentido enquanto inserido nele. Fora da moral não lhe resta nada⁴².

O homem do subsolo, na passagem acima, apresenta-se paradoxalmente. Ele critica a moral da abjeção, da baixaza, do desprezo de si, da moral do ‘desculpe, papai, não vou mais fazer isso’, sem com isso superá-la. Ele sucumbe nessa mesma moral que critica, pois, como vimos anteriormente, ele mesmo se considera um rato, um homem qualquer que vive seus últimos dias.

Impressionante imagem essa que faz do imoralista também um ressentido, alguém preso à moral mesma que ele critica. Podemos perceber que o ressentimento mantém sempre vivo aquilo que molesta, confere um sentido de verdade àquilo que condena, naturalizando e imortalizando as produções

humanas, os valores. Logo, como esquecer o que sempre se apresenta à consciência de maneira verdadeira e intensa?

Oh, se eu não fizesse nada unicamente por preguiça! Meu Deus, como eu me respeitaria então! Respeitar-me-ia justamente porque teria a capacidade de possuir em mim ao menos a preguiça; haveria, pelo menos, uma propriedade como que positiva [afirmativa] (...) haveria o que dizer de mim 'Preguiçoso!' E eu poderia, neste caso escolher uma carreira para mim: seria preguiçoso e comilão (...) e eu criaria um tal barrigão, armaria um tal queixo tríplice, elaboraria um tal nariz de sândalo que todo transeunte diria, olhando para mim: 'Este é um figurão! Isto é que é verdadeiro e positivo!'. Seja o que quiserdes, mas é agradabilíssimo ouvir opiniões assim em nosso século de negação, meus senhores (Dostoiévski, 2000, p.21-32).

Aqui, o personagem refere-se ao século XIX como século da negação. Uma definição que vai ao encontro daquela idéia de Nietzsche de uma moral da decadência, uma moral escrava, que nega antes de afirmar, ou melhor, que se afirma pela negação. Antes vem aquilo que não serve, e, somente depois, por distanciamento, aquilo que me caracteriza.

Quando pouco se tem, o que é oferecido vem bem! A preguiça se apresenta ao personagem como uma possibilidade de ser alguma coisa no sentido afirmativo, algo no qual ele pudesse ao menos crer. *A crença voluntária* é outra virtude da moral do ressentimento que podemos visualizar bem neste fragmento do MS. Crer em algo antes de tudo, voluntariamente, principalmente depois que

⁴² Aqui estou recorrendo a uma importante idéia nietzscheana de que se retirarmos das coisas o valor que elas possuem, não restaria absolutamente nada. Idéia esta presente em várias de suas obras.

Zaratustra anuncia a 'morte de Deus', torna-se virtude, mesmo que seja crer na sua própria imagem enquanto um preguiçoso. "O que, hoje, todo o mundo sabe? Indagou Zaratustra. Talvez que o velho Deus, em que, um dia, todo o mundo acreditava, não vive mais?" (Nietzsche, 2003. p. 305).

Qualquer crença a partir do século XIX passa a ser melhor que nenhuma. Logo, qualquer coisa que alivie a ausência de Deus corre o risco de assumir o lugar de verdade que antes era destinada àquele.

A crença voluntária ao longo do século XIX vira virtude, e, para mim, a possibilidade de um pecado. Quanta coisa não se passou por verdadeira ao homem simplesmente porque algo deveria ocupar esse lugar (o lugar de Deus), por falta de algo melhor?

A crença voluntária surge para superar o niilismo (uma certa descrença na vida). E acaba sendo, ela própria, a descrença.

Zaratustra desceu a montanha sozinho e sem encontrar ninguém. Mas, quando chegou às florestas, deparou repentinamente com um velho, que deixara a sua sagrada choupana para ir a procura de raízes no mato (...) Mas quando ficou só, Zaratustra falou assim ao seu próprio coração: 'Será possível? Esse velho santo, em sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto*' (Nietzsche, 2003, p.34-35).

Pelo menos, se o homem não se tornou mais sangüinário com a civilização, ficou com certeza sangüinário de modo pior, mais ignóbil que antes. Outrora, ele via justiça no massacre e

destruía, de consciência tranqüila, quem julgasse necessário; hoje, embora consideremos o derramamento de sangue uma ignomínia, assim mesmo ocupamo-nos com essa ignomínia, e mais ainda que outrora. O que é pior? (Dostoiévski, 2000, p.36-37).

O homem tornou-se mais humano a partir da moral cristã que vivenciamos hoje? A diferença ressaltada pelo personagem e compartilhada por Nietzsche é de que hoje a consciência não fica tranqüila, não mais tem o direito de descansar quando comete alguma crueldade. Embora ela (a crueldade) continue existindo tanto hoje como outrora, se bem que de uma forma mais sutil atualmente. O que é pior na destruição e no massacre, a consciência tranqüila ou culpada? A conscientização, e mais além, o processo de alargamento da consciência que evidenciamos ao longo do século XIX, até hoje serve como morada para sentimentos como culpa, remorso, e todo o tipo de má consciência. É também por esse fato que o personagem, no início deste capítulo, assinala que consciência demais é uma doença.

O ressentimento encontra na consciência uma estrutura bem constituída, uma aliada poderosa para a pulverização daquele sentimento. O ressentimento, como já sabemos, é esse 'entulho psíquico' permanente na consciência produzindo raiva, ódios, desejos de vingança, arrependimentos. Esses sentimentos não constituem a causa da produção do ressentimento. É o homem atual, na condição de portador de uma consciência hipertrofiada e multiplicada várias vezes, o homem da responsabilidade e da razão, do controle e da medida, que é a causa desses sintomas ressentidos. O tamanho da responsabilidade do homem consigo nos dá indícios do tamanho de sua consciência.

É também a consciência humana e a necessidade de controle sobre si uma faculdade construída e moral. A responsabilidade tem a sua genealogia. Seu surgimento se dá a partir desse terreno pantanoso que caracteriza a consciência do homem atual. É também por esse motivo que o ressentimento é social e só pode ser visto desde esse olhar, pois além do conteúdo, também a estrutura da qual ele necessita (a consciência e a interiorização do homem) é social.

Em um de seus discursos, assim falou Zaratustra:

Poucos sabem disto: que é preciso ter todas as virtudes, para dormir bem. Direi falso testemunho? Cometerei adultério? Desejarei a mulher do meu próximo? Nada disso seria compatível com um bom sono (...) Sua sabedoria reza: ficar acordado para dormir bem (Nietzsche, 2003, p.55).

Santa Consciência: mas ela não seria um pecado? Um excesso?

Experimentai lançar um olhar para a história do gênero humano: o que vereis? É grandioso? (...) É pitoresco? (...) É monótono? (...) luta-se e luta-se. Luta-se atualmente, já se lutou outrora e tornar-se-á a lutar ainda mais. Concordai comigo: é até demasiado monótono. (...) Só não se pode dizer o seguinte: que é sensata (Dostoiévski, 2000, p.43).

Quando Nietzsche toma o niilismo como uma tentação, como um perigo, é porque realmente havia constatado ali um sentimento de natureza fortemente

negadora da vida, repousando sobre o corpo de um homem enfraquecido. O homem do século XIX é um homem cristianizado e disciplinado por si mesmo,

dentre tantas modificações, atendo-me a uma: o desaparecimento dos suplícios. Hoje existe a tendência a desconsiderá-lo; talvez, em seu tempo, tal desaparecimento tenha sido visto com muita superficialidade ou com exagerada ênfase como “humanização” que autorizava a não analisá-lo. De qualquer forma, qual é sua importância, comparando-o às grandes transformações institucionais, com códigos explícitos e gerais, com regras unificadas de procedimento; o júri adotado quase em toda a parte, a definição do caráter essencialmente corretivo da pena, e essa tendência que se vem acentuando sempre mais desde o século XIX a modular os castigos segundo os indivíduos culpados? Punições menos diretamente físicas, uma certa discrição na arte de fazer sofrer (Foucault, 1987, p.12).

O século XIX aparenta ser mais ‘humanizado’ do ponto de vista jurídico, pois não se vê mais os suplícios dos corpos punidos como espetáculos a céu aberto em praça pública. Porém, continua-se exercitando práticas de correções punitivas como nos séculos anteriores. Este século inova na criação de outras formas de punições, não menos cruéis, apenas mais silenciosas.

As torturas espirituais *interiorizam-se* no século XIX – viram espetáculo individual – sob forma de disciplinas, hábitos, regras e normas. Os avanços higienistas, assim como a criação de novos olhares à questão do contágio, desenvolve inúmeras normas para uma convivência saudável e livre de doenças⁴³. Cada casa, cada família transforma-se em um micro hospital e cada membro num médico. Das classes mais altas às mais baixas, no subúrbio ou nas cidades, no campo e nas vilas a moral médica (nova configuração da moral cristã anterior)

invade e disciplina⁴⁴ os corpos. As exigências assépticas servem de instrumento de controle das vidas, num momento em que as cidades crescem muito e os riscos de uma convulsão social por melhores condições de vida torna-se um perigo e necessita ser controlado.

O século XIX inaugura a fase das dietas e dos hábitos higiênicos, tão importantes – senão mais – ainda hoje. Trata-se de mudanças e novas formas de controle do corpo e do espírito, e, mais ainda, de um aumento da necessidade de vigiar e punir a si mesmo. Por um lado, isso está associado a um corpo de um homem que há séculos vem sendo diminuído na sua potência, na sua vitalidade, na sua castração pela moral do ressentimento, pela moral da decadência, portanto, associado a esse corpo decadente. Por outro lado, cria um solo propício para que se instale a nuvem do niilismo, uma certa descrença e desmotivação no mundo. Antes Deus estava em todo o lugar como uma figura que sobrevoava os pensamentos, vigiando-os. Mas agora que ele *morreu*, quem está em todo lugar é a norma médica e jurídica. Quem não ostenta uma dieta disciplinar é punido com uma doença. “Não tenho a menor dúvida de que nenhum livro (excetuando a Bíblia, bem entendido) provocou tanto mal, encurtou tantas vidas, quanto esse *Curiosum [dieta famosa no século XIX do célebre Cornaro]* tão bem intencionado”. (Nietzsche, 2000, p.45).

Vemos então que as dietas, tão famosas e abundantes atualmente, podem, inclusive, encurtar a vida. Isso desde uma perspectiva da intensidade com que vive cada homem em sua experiência singular, pois “quem não é uma carpa não

⁴³ Perrot, 1991.

⁴⁴ Foucault, 1987.

apenas faz bem em comer a valer, como tem necessidade disso” (Nietzsche, 2000, p.46).

Logo, “àquele para quem a castidade é difícil, deve-se desaconselhá-la; a fim de que não se torne, para ele, o caminho do inferno – ou seja, do lodo e da lascívia da alma”. (Nietzsche, 2003, p.81).

Todo homem decente de nossa época é e deve ser covarde e escravo. É a sua condição normal. Estou profundamente convicto disso. Ele assim foi feito e para tal fim ajustado. E não só na época atual, em consequência de algumas circunstâncias fortuitas, mas, de modo geral, em todos os tempos, o homem decente deve ser covarde e escravo. É a lei da natureza para todos os homens decentes sobre a terra (Dostoiévski, 2000, p.57).

Decência como covardia e escravidão é a definição do personagem de ‘homem normal’. É a lei da natureza, complementa.

Talvez seja possível afirmar que o derrotado só se torna um ressentido quando ele deixa de se identificar como derrotado e passa a se identificar como vítima, sobretudo de vítima *inocente* de um vencedor que, nesses termos, passa a ocupar o lugar de culpado (Kehl, 2004, p.19).

Na passagem anterior retirada do MS, aparece a expressão *é a sua condição normal*, referindo-se à atitude passiva, ressentida diante do mundo. Esta condição normal, na verdade, é sua *condição moral*. A produção do ressentimento no

homem do século XIX, e, principalmente, no homem de hoje, deve-se a sua condição de decadente, amolecido, pequeno, que tem como base os 7 (sete) valores que estou trabalhando aqui: a bondade, a conscientização, a penitência, o niilismo, a compaixão, a náusea e a crença voluntária.

Não há, portanto, porque chamarmos de 'condição normal' uma base moral que vem sendo gestada desde o nascimento do cristianismo, há pouco mais de dois mil anos.

A moral não é boa nem ruim, ela é uma versão sobre o mundo, um dialeto de interpretação do mundo. Que sejamos mais 'duros' ou mais 'moles', traduzindo em uma linguagem atual, mais 'insensíveis' ou mais 'compassivos', depende sempre a partir de que condição moral estamos emitindo nosso julgamento, ou seja, que tipo de homem estamos priorizando. Assim falou Zaratustra:

'Para os puros, tudo é puro' – assim fala o povo. Mas eu vos digo: para os porcos, tudo se torna porco! Por isso pregam os fanáticos e os que vivem cabisbaixos, nos quais também o coração está inclinado para baixo: 'O próprio mundo é um monstro que chafurda na lama'. Pois todos esses são espíritos sujos; especialmente, porém, os que não têm paz nem sossego senão quando vêm o mundo por trás – os transmudanos! A esses eu digo em rosto, ainda que não soe de bom-tom: o mundo parece-se com o homem nisto, que tem um traseiro – até aí, é verdade! Há muita lama no mundo, – *até aí* é verdade. Mas nem por isso o mundo é um monstro que chafurda na lama! Há sabedoria em dizer que muitas coisas, no mundo, cheiram mal; o próprio asco cria asas e forças pressagas de puras fontes! Mesmo no que existe de melhor, há algum motivo de repugnância; e o que existe de melhor ainda é algo que deve ser superado. – Ó meus irmãos, há muita sabedoria nisso de que no mundo há muita lama! – (Nietzsche, 2003, p. 244).

E poderia haver algo mais lamacento que o ressentimento: um sintoma social que denuncia a decadência não de um homem, mas de uma raça inteira, que inclina o homem sobre seus erros e o faz cópia mal-feita de um mundo perfeito, ferida do mundo e pecador constante?

Certa vez, passando à noite junto a uma pequena taverna, vi, por uma janela iluminada, que uns cavalheiros começaram a lutar com tacos de bilhar e que um deles foi posto janela afora. Noutra ocasião, minha sensação teria sido de repugnância; mas, naquele momento, cheguei a invejar o cavalheiro atirado pela janela, e invejei-o a tal ponto que até entrei na taverna e fui para a sala de bilhar, como se quisesse dizer: “Quem sabe? Talvez eu brigue também e seja igualmente posto janela afora” (...) Mas nada resultou daquilo. Ficou constatado que eu não era capaz sequer de pular pela janela, e fui embora sem ter brigado. (...) Não me assustei com a altura do oficial, nem com a perspectiva de ser dolorosamente espancado e jogado pela janela; e realmente eu teria suficiente coragem física, o que me faltou foi coragem moral (Dostoiévski, 2000, p.62).

‘O que me faltou foi coragem moral’ – complementou o personagem, por fim! Esta cena retrata o longo caminho que existe entre o pensar e o agir, e que, na verdade, o que faltou não foi o desejo da ação, mas a coragem para executá-la. O homem do presente, do subsolo, do ressentimento, é, sobretudo, covarde e medroso e é este tipo de sentimento que foi ‘pregado’ não só na ‘alma’ pela moral cristã durante anos e anos, como também no corpo.

É impressionante que

nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? (...) Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se aplicará para sempre a frase: “Cada qual é o mais distante de si mesmo” – para nós mesmos somos “homens do desconhecimento”...(Nietzsche, 1998, p.7-8).

A vasta produção nietzscheana nos alerta para que não interpretamos a passagem acima como precursora daquilo que alguns anos mais tarde Freud chamou de inconsciente. Essa observação é importante porque define o homem com o qual estou trabalhando durante toda pesquisa. O homem não é desconhecido de si mesmo porque faz parte dele uma essência a qual não tem acesso, ou porque há algo nele de incognoscível e que jamais poderia ser acessado pela consciência. O homem é desconhecido de si devido a uma peculiar característica sua, que é a de naturalizar a moral e os valores que a compõe. O homem é desconhecido de si mesmo porque criou uma série de rituais e normas, os quais tem como a mais suprema verdade. O homem é desconhecido de si porque a sua razão é a fé. Ele crê muito mais do que pensa, por isso Nietzsche o chama de homem do desconhecimento.

Por tudo isso que o personagem fala que faltou ‘coragem moral’ para levar a cabo seu empreendimento. Ou seja, alguma máxima moral, alguma verdade, alguma lei, se interpôs entre o instinto – a vontade – inicial e o comportamento final que acabou sendo adiado. Outrora se procurava as razões para esse medo no interior do sujeito, em seus desejos secretos e em seus conflitos passados. Até mesmo a ‘interpretação dos sonhos’ ganhou importância e virou livro. Já o medo, virou fobia; de maneira menos sonhadora, menos internalizada, outros procuraram

as razões do medo em equações de variáveis múltiplas, na tentativa de explicar o comportamento por estímulos e respostas.

Em uma análise que tem como método o ressentimento deve ser possível analisar aquele medo levando em consideração os pensamentos interpostos entre a força inicial e o comportamento final. Sempre lembrando que esse comportamento pode ser tanto físico como abstrato (uma idéia, um pensamento, etc.). E não há nada nesse meio que seja natural, que seja verdade. Tudo ali é construído, é singular na exata medida em que é social. Nesse 'entre' está a moral a partir de seus valores. Logo, gostaria de chamar a atenção para o fato de que quando falo em moral não me refiro a um código que se tem a possibilidade de cumprir ou não. Interessa-me a moral *em uso* naquele espaço *interposto*, ou seja, como ela é experimentada de forma ativa por cada homem. A moral são os valores em atividade, é esta a definição que me interessa do ponto de vista psicológico, do ponto de vista do ressentimento.

Ainda na introdução, falei que não tomaria o ressentimento como um sintoma, que não era esse o objetivo do trabalho. Agora essa afirmação fica mais clara, já que o mais importante é que esse olhar do ressentimento possibilite uma análise do espaço 'entre'. Ali se encontra todo o tipo de verdade, de valores, idéias, regras e... ressentimentos (no sentido que Nietzsche dá a essa palavra: como 'envenenamento', vingança postergada, não esquecimento, raiva e ódio de si por não ter feito algo).

Creio que posso distinguir dois tipos de ressentimento, os quais até agora tenho usado de maneira indiscriminada: um utilizado por Nietzsche e o outro por mim.

Nietzsche o usa para assinalar uma série de afetos produzidos por uma moral específica, a moral do ressentimento. Um afeto que necessitou da construção de uma instância metafísica que é a consciência (o 'eu', o 'ego') e de seus súditos: a responsabilidade, a racionalização, a culpa, a capacidade de fazer promessas, o não esquecimento. Tudo isso construiu o solo propício ao afeto que ele chama de ressentimento (culpa, medo, impotência, afeto vingativo, dificuldade de esquecer uma ofensa, entre outros)⁴⁵.

O outro sentido que gostaria de ressaltar é o que venho utilizando, e que somente agora parece ficar mais definido. O ressentimento como *método, olhar*. O século XIX nos apresentou o espetáculo da expansão da consciência, assim como da possibilidade de alastramento do ressentimento, tal como pensado por Nietzsche e descrito no parágrafo anterior, fazendo dele um sintoma presente. Procurei mostrar que a moral não é um código, uma cartilha que exista *sem* o homem. Apontei que entre o impulso (instinto) e a ação, muita coisa se atravessa em nível de pensamento. E é aí que se encontra o ressentimento enquanto afeto tal qual definido por Nietzsche. Entretanto, para além desses afetos, encontra-se aí a moral, representada por valores, verdades e naturalizações que influenciam e agitam todo o material consciente, produzindo elucubrações intermináveis. Motivo pelo qual Nietzsche define aqueles afetos ressentidos como uma 'paralisia' que, paradoxalmente, 'agita'.

Tomar o ressentimento como um *método* é criar a possibilidade de trabalho com esse material psíquico não digerido entre o impulso e a ação, que inclui de

⁴⁵ Nietzsche, 1998.

maneira decisiva a moral. Dessa forma, é possível retirar deste material seu caráter natural e verdadeiro.

Outro ponto que advém daí é que um medo, um pensamento, uma idéia, um julgamento, um valor, nada disso existe por si só. Ou seja, não me interessa o fato *em si*, mas como ele é pensado, vivido e experimentado na singularidade de cada um⁴⁶. Nenhum ato em si é traumático *a priori*, nenhum ato em si é mau ou ruim, feio ou bonito, certo ou errado. Do ponto de vista psicológico, não devemos nos preocupar com esse tipo de definição. Deixemos a construção e vigilância das leis ao Direito⁴⁷.

Não é minha obrigação julgar, mas dar a possibilidade ao outro de julgar de acordo com a sua saúde aquilo que lhe convém. Mesmo que isso lhe proporcione um prejuízo, pois não seria negar a própria vida desejar somente o fortalecimento, afastando de si tudo aquilo que poderia significar um perigo à própria existência? Assim falou Zaratustra:

Meu irmão, são um mal, a guerra e batalha? Mas necessário é esse mal, necessárias são a inveja, a desconfiança e calúnia entre as tuas virtudes. Vê como cada uma delas almeja o que há de mais elevado: que o teu espírito inteiro, para que seja o *seu* arauto, que a tua força toda na cólera, no ódio, no amor (...) o homem é algo que deve ser superado; por isso, cumpre-te amar as tuas virtudes: pois delas perecerás (Nietzsche, 2003, p.63).

⁴⁶ Creio que não seja necessário defender um subjetivismo absurdo para sustentar a idéia de que as coisas não existem para o homem sem o olhar humano, sendo que é justamente esse olhar que define alguma objetividade, todavia, moral.

⁴⁷ No capítulo "Da genealogia à moral do ressentimento" mostrei, a partir de Nietzsche (1998), como valores tidos como "bom" em um momento histórico passaram a ser considerados "maus" alguns séculos depois, e vice-versa.

Portanto, ter o ressentimento como método é poder direcionar nosso olhar para esse espaço que não é nem singular, nem social, é composto de valores, pensamentos, afetos e impulsos vitais que Nietzsche chama de *vontade de potência*⁴⁸. Trata-se de analisar como essas esferas se relacionam, que tipo de vida está se produzindo e se está ou não de acordo com a saúde singular em questão.

Como esse caminho do impulso (instinto) à ação *está* atravessado, por um lado, pela moral, e, por outro, pelas exigências específicas da saúde de cada um, é possível que muitos conflitos apareçam por incompatibilidade entre essas duas partes. A homogeneização proposta pela moral – e esta é sua premissa de existência – entra em rota de colisão com impulsos singulares em muitos pontos. E dessa batalha algo deverá ser sacrificado, em maior ou menor medida. Uma Psicologia do Ressentimento deve estar atenta para essa batalha, chamando a atenção para tal embate, que é constante e que se faz de pequenos confrontos sem jamais ter uma definição final. Não há vencedores ou perdedores definitivos, outras e outras microbatalhas são sempre atualizadas, sempre presentes.

Uma das diferenças entre um animal e nós humanos, especialmente interessante do ponto de vista de uma Psicologia do Ressentimento, é que enquanto aqueles realizam uma ação motivada por algum impulso instintivo e vital (como, por exemplo, a árvore de maracujá, que quando está com muitas flores sacrifica alguns pequenos frutos em sua primeira fase de desenvolvimento, a fim

⁴⁸ Este conceito não pode ser dedicado a algum livro do Nietzsche em específico, ele está sempre presente, mesmo em suas primeiras produções. Na verdade, o conceito trata de uma força que é inerente a tudo que é vivo, que poderia ser traduzida como uma certa 'ânsia' em expandir-se, ir além, superar a si mesmo, mesmo que isso ocasione a sua degeneração. Não é um conceito humano, mas que pertence a tudo que é vivo na natureza; não se trata, por outro lado, de pensar que tudo tem uma alma. É um conceito trágico e cruel, na medida em que seria uma força para além da moral, sem compromisso nenhum com qualquer tipo de lei que limite o seu crescimento e a sua glória.

de que alguns poucos e maiores possam crescer ainda mais e de forma mais forte, ou então o gato que ataca impiedosamente um pássaro que brincava a sua frente), estes (os humanos) também realizam ações motivadas por impulsos instintivos, todavia, após o ato, os homens são acossados por uma peculiar atitude de pensar e avaliar o que foi feito.

Assim falou Zaratustra:

Mas uma coisa é o pensamento, outra a ação; e outra, ainda, a imagem da ação. A roda da causalidade não gira entre elas. Uma imagem fez empalidecer esse homem pálido. Da mesma estatura da sua ação era ele, quando a executou; mas não lhe suportou a imagem, depois de executada. Desde então, sempre viu a si mesmo como autor de uma única ação. A isto eu chamo loucura: a exceção converteu-se para ele em essência (Nietzsche, 2003, p.64).

Essa *imagem da ação* de que fala Nietzsche é aquilo que eu falava anteriormente, que poderia se transformar em nosso *campo de análise*, ou seja, aquilo que fica exposto ao *juízo* entre o impulso e o ato, e que já não é nem o instinto nem a ação (física ou abstrata). Por mais natural que possa parecer tudo que é produzido nesse espaço de julgamento, *‘a roda da causalidade não gira entre elas’*, ou seja, as relações ali presentes não são verdades, mas construções produzidas pelo homem. E, por isso mesmo, possíveis de serem trabalhadas, revisadas e destruídas. A loucura para Nietzsche na passagem acima (noção importante para meu trabalho) é essa *imagem da ação*, esse material consciente altamente moralista, que produz aqueles sintomas que ele chamou de ressentimento. “E, agora, sente novamente sobre si a capa de chumbo da sua

culpa, e novamente a sua pobre razão está rígida, paralisada, pesada”. (Nietzsche, 2003, p.65).

A imagem da ação, ou em outras palavras, o pensamento que avalia um impulso vital, que lhe impregna um valor, não é apenas um evento cognitivo. Avaliar é criar, produzir, inventar, limitar alternativas e definir comportamentos. “Ele caminhou por cima de mim com toda a tranqüilidade, e eu me atirei para um lado, como uma bola. Nessa noite, mais uma vez, estive doente, febril, e delirei”. (Dostoiévski, 2000, p.69).

Dores, calafrios, delírios, derrames de bÍlis, culpa, paralisação, indigestão, envenenamento, torpor, dispepsia, não esquecimento, perda do sono, entre outros, compõem um vasto círculo de sintomas físicos e psíquicos refletidos nesse capítulo. O que a moral (representada pelos sete pecados capitais) teria a ver com isso tudo?

Não me propus a chegar a uma conclusão sobre essa questão. E acho que em todos os capítulos do trabalho não fiz mais do que propor uma discussão à Psicologia, tendo como interlocutor a vasta produção nietzscheana.

Se partirmos da constatação – e que grandes esforços eu fiz nessa direção a partir da pesquisa dos livros *Assim falou Zaratustra* (Nietzsche, 2003) e *Memórias do subsolo* (Dostoiévski, 2000) – de que a moral não é um código de normas, mas sim um conjunto de valores que só existe em ação, em uso, de modo sempre

singular, acredito que então abre-se um vasto campo de pesquisa sobre a moral, para além de uma tarefa antropológica.

Com o povoamento do interior humano e o êxtase místico da consciência transformada em palco privilegiado para o exercício do ressentimento nietzscheano, a moral internaliza-se e passa a agir muito mais nesse espaço íntimo do que fora dele. E isso é o que justifica um trabalho com a moral para além de uma postura antropológica, ou seja, para além de definição e diferenciação dos valores de uma dada cultura.

A moral passa a produzir todos aqueles sintomas que descrevi, tanto físicos como psíquicos, sintomas que Nietzsche denominou de ressentimento. É nesse ponto que se abrem possibilidades de novas pesquisas, já que a moral tem toda essa influência na vida do homem, para além da distribuição de sentidos ao mundo.

Recuperada a noção de moral que não se reduz a uma cartilha de normas, também a noção de ressentimento teve mudanças. Mostrei que podemos entendê-lo como um sintoma ou como um método.

Para além disso tudo, das discussões sobre o homem do subsolo ou sobre os cortantes discursos de Zaratustra, para além dos sete pecados capitais, espero ter ressaltado a importância de pesquisar a moral e o ressentimento como conteúdo (sintoma) e como um método de análise. A expressão *Psicologia do Ressentimento*, utilizada ao longo desse trabalho para delimitar todas essas discussões e trânsitos entre moral, ressentimento e Psicologia, devemos a Nietzsche. Detive-me bastante na reflexão da Psicologia do Ressentimento

enquanto um *campo* de conhecimentos porque me parece que dessa forma pode-se aglutinar produções sobre tal tema.

Todavia, tomar o ressentimento como sintoma e método poderá trazer uma certa alegria e força vital (não confundir com felicidade, evolução, paz, pois talvez o oposto seja o mais esperado: a degeneração). O intuito é de que velhas lendas que nos foram contadas tenham o direito de sucumbirem quando seu tempo já tiver se esgotado.

O sinal

Mas, na manhã que seguiu essa noite, saltou Zaratustra de seu leito, cintou os flancos e saiu da caverna, ardente e forte como um sol matinal detrás de escuros montes. “Ó grande astro”, falou, como já uma vez falara outrora, “ó profundo olho de felicidade, que seria toda a tua felicidade, se não tivesses *aqueles* que iluminas! E se permanecessem eles em seus quartos, quando tu já estás acordado e surges e dás e distribuis presentes: como se encolerizaria o teu altivo pudor! Pois muito bem! Ainda dormem esses homens superiores, quando eu já estou acordado: não são esses os companheiros próprios para mim! Não por eles esperei aqui, nos meus montes. Quero começar o meu trabalho, o meu dia; mas eles não compreendem quais são os sinais da minha manhã, o meu passo – não é, para eles, um toque de alvorada. Ainda dormem na minha caverna, ainda seu sonho bebe os meus ébrios cantos. O ouvido que fica à minha escuta – o ouvido aplicado falta entre seus órgãos.” - Isso falara Zaratustra ao seu coração, quando o sol nascia; volveu, então, para o alto um olhar indagador, pois ouvia sobre sua cabeça o grito agudo da águia. “Muito bem!”, exclamou para cima, “isso me agrada e me é devido. Os meus animais estão acordados, pois eu estou acordado. A minha águia está acordada, e como eu, presta homenagem ao sol. Estende suas aduncas garras de águia para a nova luz. Sois os animais certos para mim; eu vos amo. Mas faltam-me, ainda, os meus homens certos!” – Assim falou Zaratustra. Mas, então, aconteceu que ele se sentiu rodeado como que por um inumerável e revolvente bando de pássaros – todavia, o ruflar de tantas asas e o atropelo em

torno de sua cabeça eram tamanhos, que fechou os olhos, e, em verdade, era como se uma nuvem caísse sobre ele, uma nuvem de flechas desferidas contra um novo inimigo. Eis, porém, que ali se tratava de uma nuvem de amor e envolvia um novo amigo. “Que se passa comigo?” pensou Zaratustra em seu admirável coração; e sentou-se lentamente na grande pedra que havia perto da entrada da caverna. Mas, enquanto estendia as mãos a seu redor e por cima e em baixo de si, para defender-se dos meigos pássaros, eis que lhe sucedeu coisa ainda mais estranha: sua mão penetrou, sem querer, numa basta e quente madeixa de cabelos; ao mesmo tempo, porém, ecoou à sua frente um rugido – um brando e longo rugido de leão. “*Chegou o sinal*”, disse Zaratustra; e seu coração transformou-se. E, na verdade, quando tudo clareou em derredor, lá estava deitada a seus pés uma fulva e poderosa fera, que conchegava a cabeça ao seu joelho e não queria, de tanto amor, afastar-se dali e procedia como um cão que volte a encontrar o velho dono. Mas não menos solícitos do que o leão eram, em seu amor, as pombas; e, toda a vez que uma pomba resvalava pelo nariz do leão, sacudia o leão a cabeça e ria, admirado. Diante disso tudo, falou Zaratustra somente estas palavras: “*Os meus filhos estão próximos, os meus filhos*”; – depois disso, emudeceu de todo. Seu coração, porém, sentia-se aliviado e seus olhos gotejavam lágrimas, que lhe caíam sobre as mãos. E não cuidou de mais nada e ali ficou sentado, imóvel e, mesmo, sem mais defender-se dos animais. Revoaram, então, as pombas de um lado para outro, pousaram em seu ombro, acariciaram seu alvo cabelo, não se cansando, jubilosas, de prodigalizar-lhe ternura. O forte leão, porém, continuava a lambe as lágrimas que caíam sobre as mãos de Zaratustra, emitindo tímidos rugidos e rosnadelas. Assim procediam esses animais. – Tudo isso durou muito tempo ou pouco: pois, a bem dizer, não há na terra *nenhum* tempo para tais coisas. – Entrementes, porém, na caverna de Zaratustra, tinham acordado os homens superiores e ordenavam-se em cortejo para ir ao encontro de Zaratustra e apresentar-lhe a saudação matinal; porque, ao acordar, haviam notado que não estava mais entre eles. Mas, ao chegarem à entrada da caverna onde os precedera o ruído de seus passos, enorme foi o assombro do leão, que, de chofre, afastou-se de Zaratustra e arremeteu, num pulo, contra a caverna, rugindo furiosamente; ao ouvi-lo rugir, porém, os homens superiores entraram todos a gritar, como por uma só boca, e, fugindo para trás, desapareceram num abrir e fechar de olhos. O próprio Zaratustra, no entanto, aturdido e surpreso, levantou-se de seu assento, olhou em redor, ficou ali em pé, pasmado, interrogou o seu coração, refletiu e viu que estava sozinho. “Que ouvi?” disse por fim, lentamente, “o que acaba de passar-se comigo?” E logo lembrou-se de tudo e compreendeu, num relance, o que acontecera entre a véspera e esse dia. “Eis a pedra”, disse, afagando a barba; “*nela* estava eu sentado ontem de manhã; e foi aqui que se acercou de mim o adivinho e foi aqui que ouvi, pela primeira vez, o grito que acabei de ouvir, o grande grito de socorro. Ó homens superiores, era a vossa miséria que me profetizava, ontem de manhã, aquele velho adivinho – era para a vossa miséria que, tentando-me,

queria arrastar-me: ‘Ó Zaratustra’, falou-me, ‘vim para tentar-te e induzir-te ao teu derradeiro pecado.’ Ao meu derradeiro pecado?”, exclamou Zaratustra, rindo, furioso, das suas próprias palavras. “O que, afinal, me ficou reservado como meu derradeiro pecado?” – E, mais uma vez, absorveu-se Zaratustra em si mesmo e voltou a sentar-se na grande pedra e refletiu. De repente, levantou-se num pulo – “*Compaixão! Compaixão pelo homem superior!*”, exclamou; e seu semblante converteu-se em bronze. “Pois muito bem! Isso – já teve o seu tempo! O meu sofrimento e a minha compaixão – que importam? Viso, acaso, à *felicidade*? Eu viso à minha *obra*! Pois muito bem! O leão chegou, os meus filhos estão próximos, Zaratustra amadureceu, a minha hora chegou: – Esta é a *minha* manhã, o *meu* dia raiou; *sobe, agora, sobe no céu, ó grande meio-dia!*” – Assim falou Zaratustra, e abandonou sua caverna, ardoroso e forte, como um sol matinal surgindo detrás de escuros montes.” (Nietzsche, 2003, p.378-81).

Para além da aparente falta de qualquer modéstia e do altíssimo orgulho de Zaratustra, estou convencido de que esse aforismo pode ser pensado micropoliticamente a partir de toda a discussão realizada nessa pesquisa. Que ele não pareça tão presunçoso, mas simplesmente uma glória singular.

Um esclarecimento *desnecessário*: não sou demasiado crente para acreditar que uma *Psicologia do Ressentimento* (enquanto método) possa promover qualquer enfraquecimento do ressentimento (enquanto sintoma). Não espero que esse tipo de coisa aconteça. Nenhuma idéia a favor de que o homem deva ser poupado foi por mim sequer aventada. O ressentimento (sintoma) não é causa de sofrimento. O ressentimento (método) não é instrumento de fortalecimento do homem. Uma *Psicologia do Ressentimento* visa à *degeneração* do homem. Um lenhador fatalmente talha de seu pomar a árvore mais *valiosa* porque tomada de

parasitas, com golpes pacientes e duros de machado aniquila os parasitas, mas para isso faz tombar também a árvore. Assim também meu alvo nunca foi o ressentimento, mas o *homem do ressentimento*. Vejo o ressentimento não como causa, mas consequência de um homem que declina, que enfraquece. E por isso mesmo oferece morada a tal afeto.

Esse 'esclarecimento' fora para mostrar que não sou pessimista. E é 'desnecessário' porque toda minha pesquisa repousa sobre o *otimismo* na degeneração do homem do ressentimento como forma de atacar este.

Tenho a sensação de que tudo que escrevi é mentira. É possível que eu mesmo não acredite em meu trabalho e que até o despreze. "Aliás, ainda não terminaram aqui as "memórias" deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer um ponto final aqui mesmo". (Dostoiévski, 2000, p.147).

Que *valor* tem tudo isso?

6 Conclusão:

A questão do ressentimento trazida por Nietzsche é bastante complexa e poderia ser abordada de várias formas com diferentes objetivos. A paixão tanto em mim como em Nietzsche pela questão da moral encontrou no ressentimento um ponto de cruzamento de nossos desejos.

Levei a sério a idéia presente em Nietzsche de que a Psicologia ainda não havia se preocupado com os problemas fundamentais, ou seja, com os problemas morais. Esta sua afirmação me causou um incômodo inicial, mas logo me deparei com a seguinte questão: se acreditarmos que a verdade com relação a tudo aquilo que diz respeito ao humano é uma possibilidade, se imaginamos que a verdade está condicionada a uma certa visão moral do mundo, não poderá ser interessante à Psicologia preocupar-se com o valor dos valores?

Se estivermos de acordo que uma intervenção se constitui a partir de um ato criativo, de uma nova possibilidade de saúde, de um olhar diferente, se valorizar significa criar, não poderá ser interessante à Psicologia preocupar-se com o valor dos valores?

Quando pensamos 'isso é um comportamento bipolar' e 'isso é uma esquizofrenia', estes dois 'issos' correspondem a duas verdades ou duas maneiras possíveis de serem interpretadas, sentidas, vividas?

O ponto de partida desde uma perspectiva da Psicologia do Ressentimento é de que o mundo em si não possui sentido antes do homem. Não há aqui qualquer crença em alguma transcendência, seja divina ou subjetiva. Nietzsche afirma que para o homem qualquer sentido vale mais que nenhum sentido e que é esta

angústia pela ausência de sentido que leva o homem a criar verdades e a acreditar fielmente nelas. Criar valores, portanto, é uma característica humana.

Ora, se eu digo 'este é um bipolar' e como tal deve ser tratado por algum profissional competente, de preferência um especialista em comportamento bipolar, não estou trabalhando com aquilo que eu chamei de Psicologia do Ressentimento. Dizer 'este é um bipolar' traz consigo sérias implicações morais, pois não estamos frente a uma patologia *de fato*, mas a uma interpretação possível daquilo que acontece com alguém. É como se disséssemos que todos aqueles que usam somente sabonete de glicerina no banho deveriam buscar ajuda profissional de um especialista em pessoas que só usam sabonete de glicerina, ou ainda dizer a alguém que sofra de dores de cabeça por ler muito que procure um médico especialista em pacientes que apresentam o distúrbio de ler muito trazendo conseqüências para si e para os outros. É justamente este incremento de sentido (de valor moral) a algo que interessaria a uma Psicologia do Ressentimento, ou seja, que caminhos foram esses que nos conduziram à conclusão de que apresentar comportamento bipolar, tomar banho somente com sabonete de glicerina e ter dor de cabeça lendo é apresentar uma psicopatologia?

Este trabalho de problematização do valor dos valores, ou seja, do valor de um comportamento bipolar (por exemplo) e de tudo que ele representa pode ser visto como uma reflexão não sobre 'a coisa em si', mas sobre a imagem dessa coisa. E esta imagem, por estar atravessada pela moral, não é algo apenas individual, mas social. Logo, a reflexão se dá sobre o social.

Este olhar sobre o social, em qualquer nível de intervenção, tem como interesse de trabalho tudo aquilo que desejaria se impor enquanto discurso

verdadeiro sobre a vida. A este método, dei o nome de ressentimento, e dei-lhe esse nome porque o ressentimento para Nietzsche constitui um sintoma social que nos informa sobre um tipo de homem produzido em um solo moral específico. O ressentimento como método tem o interesse de pensar sobre esse processo 'social-moral' de tornar algo verdadeiro.

Este trabalho termina aqui, mas as questões estão apenas começando.

7 Bibliografia:

- DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. 3. ed. São Paulo: 34, 2000.
- EIZIRIK, M. F. **Michel Foucault: um pensador do presente**. Ijuí: Unijuí. 2002.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500 – 1900)**. 6.ed. São Paulo: Escuta, 2002.
- GIACOIA, O. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo: ED. Unisinos, 2001.
- KEHL, M., R. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE F. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2000.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2000.
- NIETZSCHE, F. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.
- PERROT, M. **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VEYNE, P.; VERNANT, J.-P.; DUMONT, L.; RICOEUR, P.; DOLTO, F.; VERELA, F.; PERCHERON, G. **Indivíduo e Poder**. Edições 70, 1988.